



Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

Reabilitação

Cadernos de TC 2017-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Maquete

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e História

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Anderson Ferreira da Silva Jorge, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, e. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira
(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quarta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2017/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

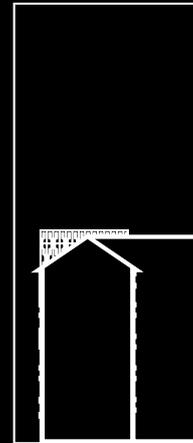
Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves
Maryana de Souza Pinto
Pedro Henrique Máximo



As intervenções em áreas centrais podem ser motivadas, segundo Vargas & Castilho, por questões como referência e identidade, história urbana, uso e infraestrutura, deslocamentos e distribuição de serviços, dentre vários outros. O processo de deterioração dos centros urbanos é fato e as intervenções devem considerar não só a necessidade de perpetuar história, mas também questões como os usuários, a reutilização de edifícios, e, principalmente, buscar investimentos, moradores e turistas, através da dinamização do comércio e geração empregos. (Vargas & Castilho, 2009). Considerando tal, o objetivo do projeto é de buscar restabelecer a função social do Setor Central de Anápolis, repleto de história em suas praças e edifícios, construindo identidade e “espírito de comunidade e pertencimento”.

Reabilitação Urbana e Edificada- Setor Central de Anápolis



Hanni Wilding Meili

Orientador: Msc. Pedro Henrique Máximo

INTRODUÇÃO

O Setor Central de Anápolis, Goiás, é carregado de história, não só em sua arquitetura, mas em todo seu significado para o desenvolvimento urbano da cidade. Na simplicidade dos aposentados nas praças Bom Jesus e James Fanstone, no fluxo intenso das vias comerciais de imigração árabe, no antigo Centro-Médico de origem européia, na antiga Estação Ferroviária, nas igrejas Santana e Bom Jesus e nos detalhes vê-se a importância histórico-cultural e atual das áreas centrais. É, também, um dos pontos de comércio mais importantes da cidade, onde as lojas dividem entre si os espaços das antigas residências e galpões industriais.

Atualmente, o uso do Setor Central está aquém de seu potencial: O intenso fluxo de pessoas e veículos durante o horário comercial se contradiz diretamente com as ruas desertas aos finais de semana, demonstrando alta densidade imobiliária e não demográfica; Algumas praças estão vazias e sem infraestrutura adequada. De acordo com Juscelino Polonial no Jornal O Centenário de Anápolis, apesar de parte da arquitetura Art Déco presente estar tombada, vários outros edifícios art déco, colonial, eclético e modernista não protegidos, representando um perigo para a memória dos anapolinos. Alguns estão escondidos pela poluição visual das marquises comerciais, outros estão subutilizados e poderiam ser requalificados trazendo benefícios à população, com programas residenciais e culturais.

A proposta deste é de intervir no Setor Central valorizando não só sua história, através de edifícios, mas também seus espaços públicos e subutilizados como praças e vazios, afim de estimular o seu uso noturno e fora do horário comercial. Revitalizações e intervenções podem reviver o centro urbano, aumentando sua capacidade demográfica e valorizando o espaço para que os atuais moradores não precisem se deslocar em busca de lazer. São inúmeras as potencialidades das áreas centrais de Anápolis; Deve ser valorizado para que a população possa usufruir melhor dos espaços por eles tomados.

O objeto compreende as quadras localizadas entre a Praça James Fanstone e as quatro principais praças localizadas no Setor Central: Praça das Mães, Praça Americano do Brasil, Praça Bom Jesus e

Praça Santana; Todas tem um papel importante na história e desenvolvimento da cidade, e influenciam diretamente no uso atual do Setor Central. A partir disso, são analisadas as peculiaridades de cada uma e sua relação com o entorno, buscando entender como são utilizadas e como influenciam no uso atual do Centro.

Sendo assim, são propostas diretrizes que possam ajudar a solucionar problemáticas existentes na área, como um todo. Como exemplo das intervenções propostas, o projeto consiste na revitalização da atual Praça James Fanstone e a requalificação do Edifício Daisy Fanstone, antigo edifício-sede presente no terreno do Hospital Evangélico de Anápolis, à clínicas de consultórios atendendo, principalmente, às necessidades atuais de acessibilidade, com a proposta de um anexo habitacional.

Inaugurada no dia 02 de Agosto de 1926 denominada Praça Senador Ramos Caiado, Praça João Pessoa em 1930, e praça James Fanstone em 1959, têm participado do desenvolvimento do St. Central desde o período que antecede a chegada da Estação Ferroviária à cidade; durante anos atendeu às necessidades do local, principalmente enquanto espaço de convívio e permanência de pacientes e familiares, funcionários, enfermeiros e médicos do Hospital Evangélico Goiano. Este, que está situado em frente à praça, foi inaugurado em 1927 e seu Edifício-Sede, antiga residência para enfermeiras e escola de Enfermagem, atualmente utilizado em parte por consultórios, foi o primeiro 'Arranha-Céu' com um elevador instalado do Estado de Goiás, em 1933.

Considerando a relação direta entre a Praça James Fanstone, o Hospital Evangélico Goiano e o seu Edifício-Sede, o projeto busca integrar todos esses elementos e propor um anexo habitacional no terreno, já que há a necessidade de estimular densidade demográfica no Setor Central e a necessidade de um edifício que possa atender pacientes, familiares de pacientes, estudantes, funcionários, enfermeiros, médicos e etc. Chiarotti (2011) cita a praça James Fanstone e o Edifício-Sede do HEG como patrimônios essenciais à memória da cidade. Portanto, todo o estudo realizado propõe também o restabelecimento da função social local.



AS INTERVENÇÕES EM CENTROS URBANOS

A importância dos centros urbanos é bastante discutida. Segundo Vargas e Castilho (2009), os centros são marcados por diversas atividades como comércio, serviços, instituições e lazer, além de fluxo intenso de veículos e mercadorias; é o local mais dinâmico da vida urbana. Também chamados de centros históricos pela origem do núcleo urbano, trazem consigo herança de diversidade étnica e processos históricos conflituosos (Vargas & Castilho, 2009 apud Carrion, 1998).

As intervenções nas áreas centrais devem avaliar não só heranças históricas, mas a necessidade de reverter processos de deterioração urbana considerando seu caráter funcional e posição relativa na estrutura urbana (Vargas & Castilho, 2009, p.3). Devem ser pensadas considerando seus usuários, perpetuando sua história e criando espírito de comunidade e pertencimento, através da reutilização dos edifícios, melhora da infraestrutura estabelecida, dinamização do comércio e geração de empregos, ou seja, buscar atração de investimentos, moradores e turistas (Vargas & Castilho, 2009, p. 5).

São diversas as motivações que inspiram intervenções em centros urbanos, como: Referência e identidade; Mudanças nos padrões sociodemográficos como envelhecimento da população e ampliação do trabalho feminino; Infraestrutura existente; História Urbana; Sociabilidade e diversidade de atividades e usuários; Deslocamentos pendulares, onde o retorno do uso residencial reduz a

necessidade de veículos; E distribuição de abastecimento de serviços e bens (Vargas & Castilho, 2009, p.6)

Segundo Vargas e Castilho (2009), os questionamentos sobre a vida urbana e as atividades o centro urbano começam especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As autoras dividem os processos de intervenção em áreas centrais os seguintes períodos: Renovação Urbana (1950-1960); Preservação Urbana (1970-1980); Reinvenção Urbana (1990-Hoje).

A Renovação Urbana assumia preferência pelo novo; O propósito era de demolir e construir para renovar. Essa proposta do Movimento Moderno foi exposta na Carta de Atenas de 1933. Na Europa, foi combinada à reconstrução do pós-guerra; Na América do Norte, a Renovação aparecia como reação ao processo de suburbanização que resultou na deterioração dos centros urbanos. Os centros das cidades europeias conseguiram impedir demolições em larga escala por seus significados culturais.

A Preservação Urbana trouxe consigo alguns questionamentos do movimento modernista. Começam a ser reforçados conceitos como a preservação de vizinhanças e restauração histórica de edifícios considerados símbolos de status e distinção. Assim, os novos projetos aproximam-se mais do método europeu de intervenção, dando novos usos à antigos armazéns, teatros, mercados e etc. Nos Estados Unidos, o interesse pelo patrimônio

nacional é renovado durante as comemorações do Bicentenário de Independência Norte-Americana. Porém, nesse período, resultaram intervenções isoladas, restaurando edifícios isoladamente, descartando seu entono.

A Reinvenção Urbana é marcada pela revolução nas comunicações e difusão da econômicas e tornando-as mais independentes do espaço físico (Vargas & Castilho, 2009 apud Vargas, 1992). Há, nesse período, uma união do capital imobiliário e poder público buscando a valorização da imagem da cidade, reconstruindo e reinventando o ambiente construído. Com os meios intensos de divulgação, as intervenções tornam-se ações mais amplas; Apesar de outras áreas se tornarem alvo de propostas urbanas, como estruturas industriais e portuárias, a questão da preservação histórica nos centros urbanos se mantém. Restringe-se, ao centro, a história da cidade. (Vargas & Castilho, 2009)

Em relação à proteção patrimonial, é importante ser aplicada aos centros urbanos pois protege a história da especulação imobiliária; pode ser aplicada aos traçados urbanos viários, volumetrias, e espaços verdes públicos e privados. Assim, os proprietários podem alterar suas edificações desde que mantenham as condições exigidas (Filho, 2003). De acordo com o Plano de Preservação de Sítio Histórico Urbano (2005), os processos de reabilitação urbana são feitas por meio de

revitalização econômica, social e cultural da área. Ou seja, visam não só a recuperação histórica, mas também social de certa área.

'A conservação vida dos conjuntos antigos é apresentada como um meio de lutar não apenas pela proteção de particularismos étnicos e sociais, mas também contra o processo planetário de banalização e standardização das sociedades e de seu meio.' (Choay, 2006, p.223).

Segundo Chiarotti (2011), analisando conceitos de Silva (2006) e Le Goff (1994) acerca da importância da conservação histórico-cultural, a memória auxilia na construção de identidade e o patrimônio concretiza tal pois permite, através da sua materialidade, que as pessoas se lembrem de algo em comum. Ainda, segundo o Chiarotti (2011), a política de preservação em Anápolis demorou para ser efetivada. A primeira lei municipal municipal de tombamento é promulgada em 1984, porém, não são seguidos procedimentos corretos de proteção. São considerados patrimônios histórico-culturais da cidade: Mercado Municipal 'Carlos de Pina' -Lei Nº025; Estação Ferroviária, Escola de Artes, Museu Histórico e Antigo Fórum - Lei Nº1824; Casa JK - Lei Nº 2952; Colégio Estadual Antesigna Santana e Colégio Couto Magalhães - Lei Nº3171; Todos, com exceção da Casa JK e o Colégio Couto Magalhães, estão situados no Setor Central de Anápolis.



LEGENDAS:

[f.1] Mapa de Anápolis destacando os principais acessos à cidade e ao Setor Central, bairro de estudo (preto).
 FONTE: Hanni, 2016

[f.1]

Anápolis [f.1] é o terceiro maior município de Goiás em população. Se firmou como pólo industrial, principalmente no ramo farmacêutico. Está a 50km da capital goiana e 140km da capital federal. Seu desenvolvimento começou a partir de 1870 e tem dois importantes fatores de consolidação: A chegada da ferrovia por volta de 1935 trazendo consigo políticas de expansão e ocupação territorial (Silva, 2007); Ocupação do 'Centro-Médico' em 1926 pelo Dr. James Fanstone através do Hospital Evangélico Goiano (Ferreira, 1979).

Segundo Polonial (2011), o município foi o maior produtor de café e maior centro comercial do estado. Tornou-se o ponto terminal da estrada de ferro e o maior centro de troca de mercadorias de Goiás, fatores que explicam o grande desenvolvimento econômico da cidade.

A evolução histórica de Anápolis pode ser dividida em 3 fases, segundo o autor. Entre 1870-1907: Período marcado pela economia de subsistência, com a pecuária e comércio de tropeiros, e evolução do núcleo urbano à cidade; Entre 1907-1935: Período marcado pela chegada dos trilhos, crescimento populacional e da cidade, migração e consolidação da

agricultura comercial; Entre 1935-1950: Período marcado pela hegemonia do comércio proporcionada pelos trilhos e consolidação de Anápolis enquanto maior centro comercial do estado. A partir de 1950, com a chegada de Goiânia, tal hegemonia começa a desaparecer.

O Bairro Central é considerado o berço do desenvolvimento da cidade e está inserido em um meio urbano repleto de vilas [f.2], estas que surgiram a partir do êxodo rural de famílias em busca de melhores condições. Com a chegada da estação ferroviária, houve uma expansão do comércio, além de investimentos imigrantes, como árabes. As vilas vizinhas ao centro surgiram com a chegada de novos moradores, de forma desordenada e sem planejamento.

Pelo bairro passam importantes vias da cidade [f.2]: Avenida Goiás e Avenida Brasil, e a GO-333. As quadras de estudo estão localizadas no centro-norte. A área de estudo [f.3] contempla as quadras situadas entre as cinco principais praças do Setor Central: Praça Americana do Brasil (1), Praça das Mães (2), Praça Santana (3), Praça Bom Jesus (4) e Praça James Fanstone (5).

LEGENDAS:

[f.2] Mapa do bairro central, destacando a área de estudo e as vias principais de acesso.

FONTE: Hanni, 2016

[f.3] Mapa da área de estudo, destacando as principais praças do Setor Central, que definiriam as quadras de estudo. FONTE: Hanni, 2016



Patrimônio Arquitetônico

LEGENDAS:

[f.4] Mapa de desenvolvimento do Setor Central. FONTE: Rodrigo Machado, 2011.

É possível perceber através do mapa [f.4] que a área de estudo coincide com o berço da cidade entre 1879 e 1935, sendo assim, é possível perceber diversas edificações de interesse histórico de diversas épocas e estilos diferentes, próximas entre si.

Antes da chegada dos trilhos as edificações coloniais predominavam; Na década de 20 percebia-se o início das construções de alvenaria e, na década de 30, as primeiras residências ecléticas surgem, construídas principalmente por italianos. A partir da década de 40, aparecem, principalmente nos edifícios públicos e comerciais, os exemplares marcados pelas raízes francesas do Art Decó.

Com a chegada definitiva da estação ferroviária e a construção de Goiânia através da Marcha para Oeste, crescem os conceitos de modernidade. A década de 1950 marca a inserção de casas modernistas na paisagem anapolina.



Praca João Pessoa, hosp. James Lavistone, com o primitivo coreto, feito em 1926, por Giacomo A. da Silva



LEGENDAS:

[f.5] Mapa da área de estudo destacando os edifícios que suscitam interesse histórico.
FONTE: Hanni, 2016.

1-Casa Colonial

2-Residência Art Decó, década de 40

3-Antiga Revendedora GMC, década de 40

4-Residência Art Decó, década de 40

5-Casa Modernista

6-Residência Art Decó, década de 40

7-Antigo prédio Cine Teatro Imperial, 1936

8-Coreto da Praça James Fanstone, 1926

9-Antiga residência do Coronel Graciano A. da Silva, década de 30

10-Casa verde

11-Hospital Evangélico de Goiás, 1927

12-Edifício-sede do HEG, 1937

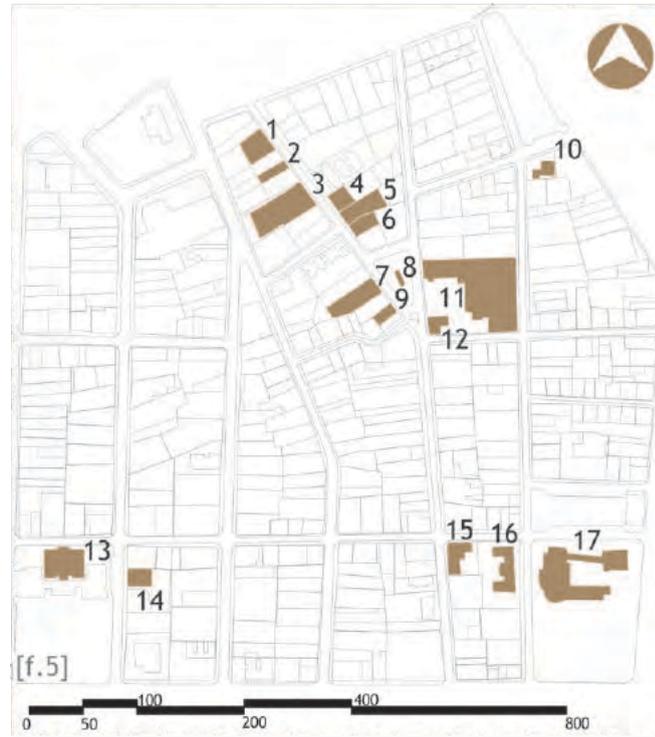
13-Antiga Prefeitura e Fórum de Anápolis, 1938

14-Antigo edifício do Cine Santana, 1951

15 - Antigo edifício Goyazbank, 1946

16-Colégio Estadual Antensina Santana, 1926

17-Igreja Santana





O ESTUDO DO LUGAR

LEGENDAS:

[f.6] Volume das edificações em maquete. FONTE: Hanni, 2016.

[f.7] Planta de Gabarito. FONTE: Hanni, 2016.

[f.8] Planta de Uso do Solo. FONTE: Hanni, 2016.

Waterman (2012) em seu livro *Desenho Urbano* discorre sobre as diferenças entre as densidades das quadras. Segundo ele, estudos comparam a densidade de centros urbanos extremamente edificados com áreas suburbanas onde há menos edificações, chegando a conclusão de que os espaços podem expressar densidade imobiliária e não demográfica.

O centro de Anápolis possui, principalmente no trecho estudado, densidade imobiliária; Ou seja, há inúmeras construções e poucos vazios, sendo que a maior parte dessas construções são de uso comercial e serviço, não apresentando densidade demográfica através de residentes. Sendo assim, o fluxo de carros e pessoas é dependente dos horários e dias de funcionamento das lojas e equipamentos públicos.

A maior parte dos espaços livres são privados, com exceção das praças. São espaços utilizados para estacionamentos, um uso aquém de suas possibilidades pois poderiam incentivar, através de espaços públicos ou habitáveis, o uso noturno e fora do horário de funcionamento do comércio (finais de semana e feriados) no centro da cidade.

Através da imagem da maquete de estudo [f.6], é possível perceber, além dos cheios e vazios das quadras, como a maior parte das edificações ocupam todo o terreno, sem recuos. Alguns vazios são espaços livres internos nas construções. Como a evolução do setor central se deu irregularmente, o desenho dos lotes nas quadras possuem dimensões diferentes.

'As antigas quadras com casas ou edifícios estreitos e sem recuos laterais podem promover mais contatos interpessoais ao longo de suas varandas ou marquises, enquanto a tipologia dos apartamentos resulta em maior densidade populacional, algo que pode animar as ruas.' (WATERMAN, p. 74, 2012).

Essa citação de Waterman mostra como diversidades tipológicas arquitetônicas, como as do Setor Central, podem contribuir em encontros e usos diferenciados dos espaços.

'A experiência da rua pode ser definida como o senso de fechamento proporcionado pelo comprimento da parede de fachadas ou pela quantidade de luz que passa entre os prédios altos de

uma quadra. A experiência da cidade, por outro lado, pode ser determinada pela linha do horizonte urbano formada por certas massas de edificação.' (WATERMAN, p.72, 2012)

A maior parte das edificações do setor central possui dois pavimentos, sendo o segundo coberto por uma marquise que se projeta na calçada e gera sombras. A entrada de luz é suficiente e não há uma sensação de fechamento pois não há um número considerável de edifícios altos que pudessem afetar o equilíbrio entre o gabarito e a largura das ruas.

Através do mapa de gabarito [f.7] é possível perceber que a maior parte das edificações são de 1 ou 2 pavimentos, seguido por edifícios entre 3 e 5 pavimentos. Há 7 edificações entre 6 e 10 pavimentos e 8 acima de 11 pavimentos, sendo o maior deles, o edifício Antônio Cardoso com 22 pavimentos, na rua Manoel D'Abadia. A foto abaixo [f.56] demonstra o volume das edificações.

'Adaptar uma tipologia de casarios tradicionais a usos não habitacionais pode forçar a criação de pequenos restaurantes, escritórios ou lojas adequados a tais áreas.' (WATERMAN, p.74, 2012).

Várias edificações do Centro de Anápolis são antigas residências e galpões alterados para que pudessem se tornar lojas, instituições e prestadoras de serviço. Há diversos usos no trecho estudado [f.8], como edifícios de prestação de serviço, preservação histórica, comerciais, mistos, residenciais e institucionais. Estes últimos, ressalta-se o grande número de bancos à oeste e clínicas médicas à leste.

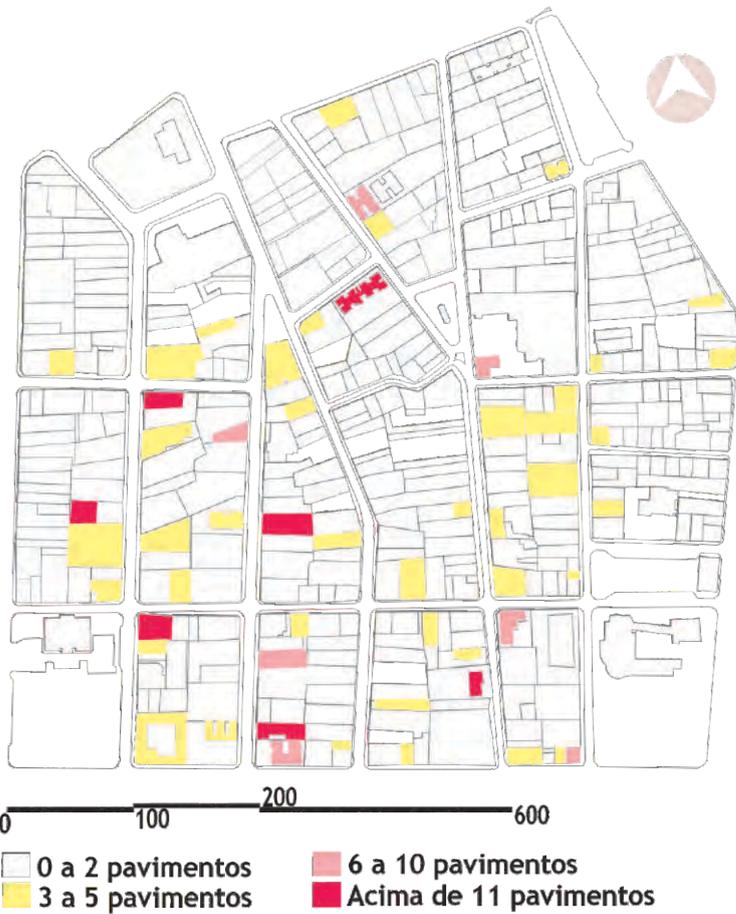
O Setor Central atende à todos os usos previstos na Certidão de Uso de Solo (Lojas comerciais, restaurantes, hotéis, residências, bares e etc.), e exige os afastamentos mínimos laterais e fundos de 1,50 metros. Como a maioria das edificações são antigas e não planejadas, não existem recuos entre eles.

O comércio local é de grande porte e atende não só os moradores de Anápolis mas também comerciantes de cidades vizinhas através do atacado, como Nerópolis, Ouro Verde e etc. Alguns pontos funcionam até a noite como drogarias, sorveterias, bares e restaurantes.

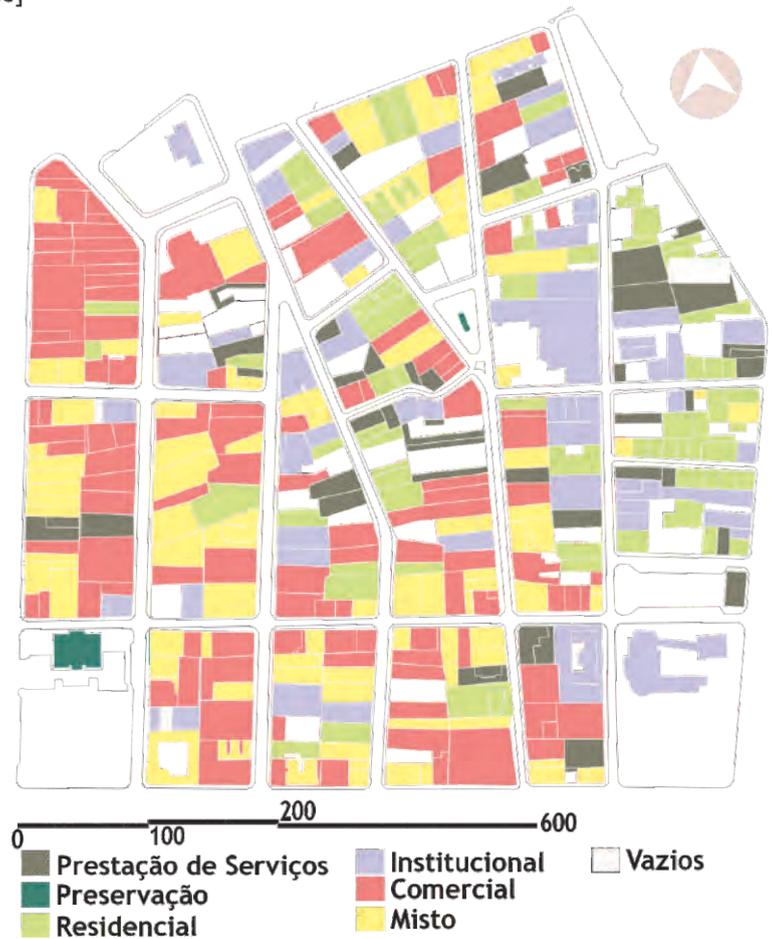
[f.6]



[f.7]



[f.8]



LEGENDAS:

[f.9] Sistema viário.
FONTE: Hanni, 2016

[f.10] Mapa de Condicionantes Ambientais, cortes e skylines. FONTE: Hanni, 2016.

-  Terminal Urbano
-  Pontos de Ônibus
-  Táxi
-  Áreas livres públicas (Praças)
-  Vias de acesso
-  Vias de acesso Linhas de Ônibus
-  Semáforos
-  Direção do fluxo das vias

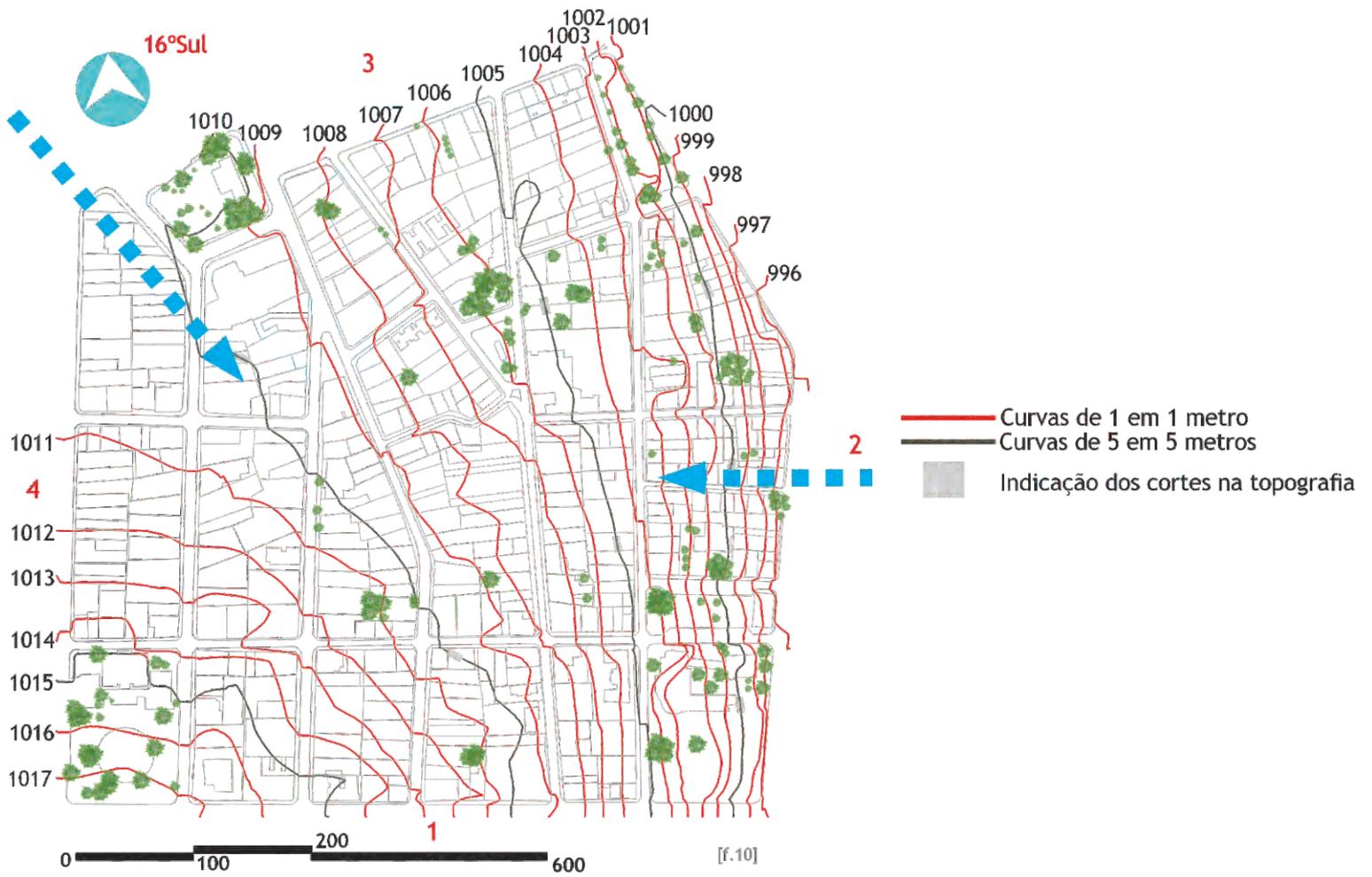
O sistema viário do Setor Central [f.9] é binário e conduz à várias partes da cidade através de contínuas vias. Há em todos os cruzamentos de ruas arteriais e coletoras a presença de semáforos e faixas de pedestres. As linhas de ônibus passam pelas ruas Engenheiro Portela, Gen. Joaquim Inácio, Av. Goiás, Desem. Jaime e Primeiro de Maio. Nestas não há pontos de ônibus suficientes. Há também pontos de táxi próximos às praças, únicos espaços livres públicos existentes.

Em relação às questões ambientais, através do mapa de condicionantes [f.10] é possível perceber que há pouca vegetação no trecho estudado e a maior parte está concentrada nas praças públicas, como as gameleiras da Americano do Brasil. Os ventos dominantes vem do noroeste e leste. As edificações não interferem negativamente na incidência de luz natural nas ruas ou ventilação. Não há presença de hidrografia que influencie na área estudada.

A topografia da área tem um declive de 21 metros de sudoeste à leste; A queda só acentua-se no extremo leste, nas outras áreas a sensação do usuário é de um terreno semi-plano. O maior declive pode ser percebido nas praças Santana e Praça das Mães; A primeira acompanha o terreno e a Segunda foi projetada através de um corte no terreno. Fatores como esse influenciam no uso dos espaços pois os acessos não estão no nível das ruas que os circulam, resultando, mesmo que indiretamente, em sensação de isolamento.



1. Rua Xavier de Almeida
2. Rua Primeiro de Maio
3. Rua Tonico de Pina
4. Avenida Federal
5. Rua Olímpio Barbosa
6. Rua Achilles de Pina
7. Rua Dr. Genserico
8. Rua 7 de Setembro
9. Travessa Pina Júnior
10. Rua Manoel D'Abadia
11. Travessa João Aires
12. Rua Rui Barbosa
13. Travessa Dona Sra.
14. Rua 15 de Dezembro
15. Travessa Souza
16. Rua Eng. Portela
17. Rua Santana
18. Rua Barão do Rio Branco
19. Rua Gen. Joaquim Inácio
20. Rua Desembargador Jaime
21. Avenida Goiás



INFRAESTRUTURA E ESTRUTURA URBANA

LEGENDAS:

[f.11] Mapa de estrutura urbana.
FONTE: Hanni, 2016

[f.12] Maquete de estrutura urbana.
FONTE: Hanni, 2016

Analisando o mapa [f.11] de estrutura urbana, a mancha vermelha marca a área onde o fluxo de pedestres é intenso e o uso do solo é predominantemente comercial. Alguns fatores contribuem para isso, como a presença de três importantes vias no trecho (Avenida Goiás, Engenheiro Portela e General Joaquim Inácio) marcadas através da linha verde que, por sua vez, percorre as vias por onde passam linhas de transporte público.

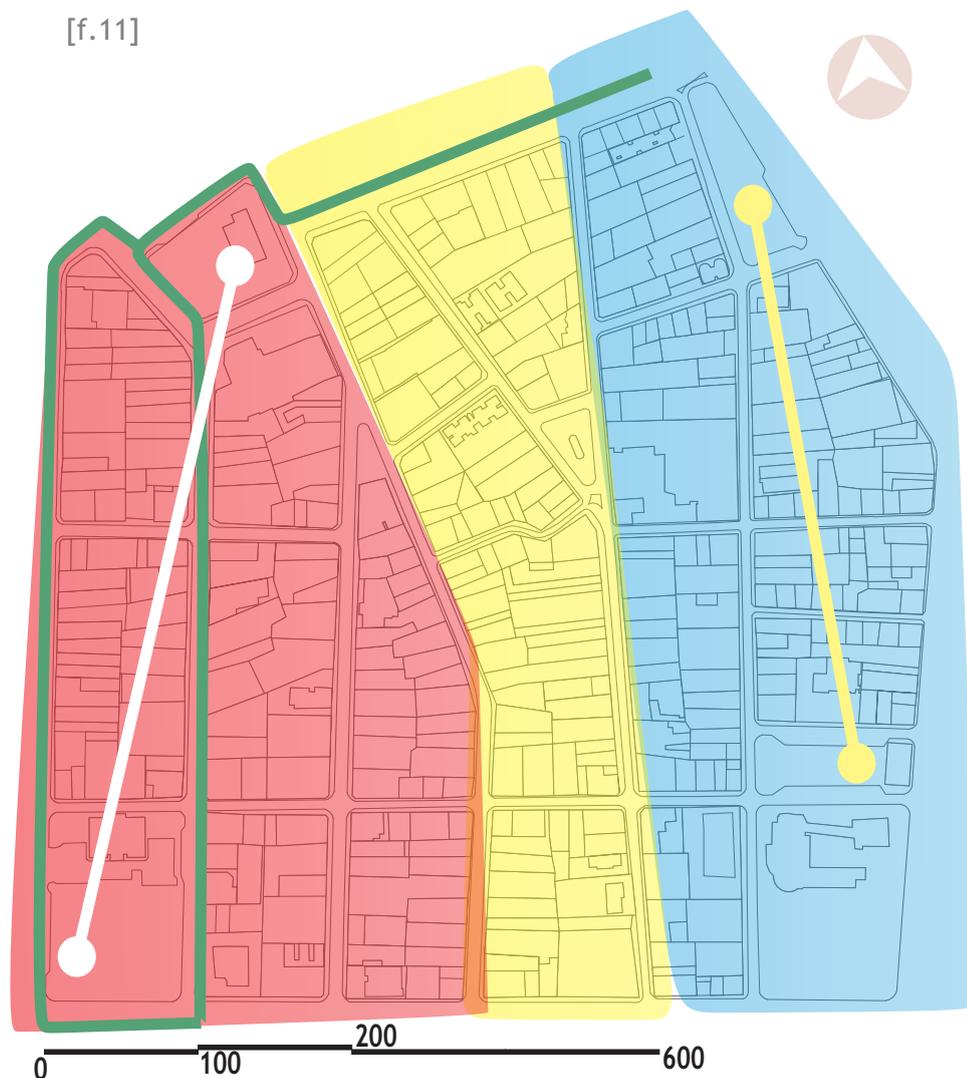
A linha branca conecta as praças Bom Jesus e Americano do Brasil, cujas características são, em parte, semelhantes; Com exceção da praça James Fanstone, são as únicas que possuem quiosques. Levando em conta o fato de estarem localizadas na área de maior fluxo de pedestres e próximas às vias de transporte público, são praças onde o uso de permanência/prolongado é maior que as outras. Outros fatores que influenciam tal é

a presença de arborização, como as gameleiras localizadas na praça Americano do Brasil, utilizadas pelos usuários como 'bancos', compensando a escassez de mobiliários, e a presença de quiosques, lanchonetes e pontos de ônibus, como na praça Bom Jesus.

A mancha amarela marca a área onde o fluxo de pedestres se torna moderado e o comércio diminui um pouco, aparecendo também prestadoras de serviços e o 'centro-médico' começa a se destacar através do Hospital Evangélico Goiano. A linha preta conecta a praça James Fanstone ao edifício do HEG, demonstrando que todos os usos dessa são em função dos usuários do hospital, através do Coreto (lanchonete) e de pequenos espaços de permanência arborizados; A maior parte dos usuários está ligada de alguma forma ao edifício de saúde.

A mancha azul marca a área onde o fluxo de pedestres é reduzido e o

[f.11]



Analisando o mapa [f.11] de estrutura urbana, a mancha vermelha marca a área onde o fluxo de pedestres é intenso e o uso do solo é predominantemente comercial. Alguns fatores contribuem para isso, como a presença de três importantes vias no trecho (Avenida Goiás, Engenheiro Portela e General Joaquim Inácio) marcadas através da linha verde que, por sua vez, percorre as vias por onde passam linhas de transporte público.

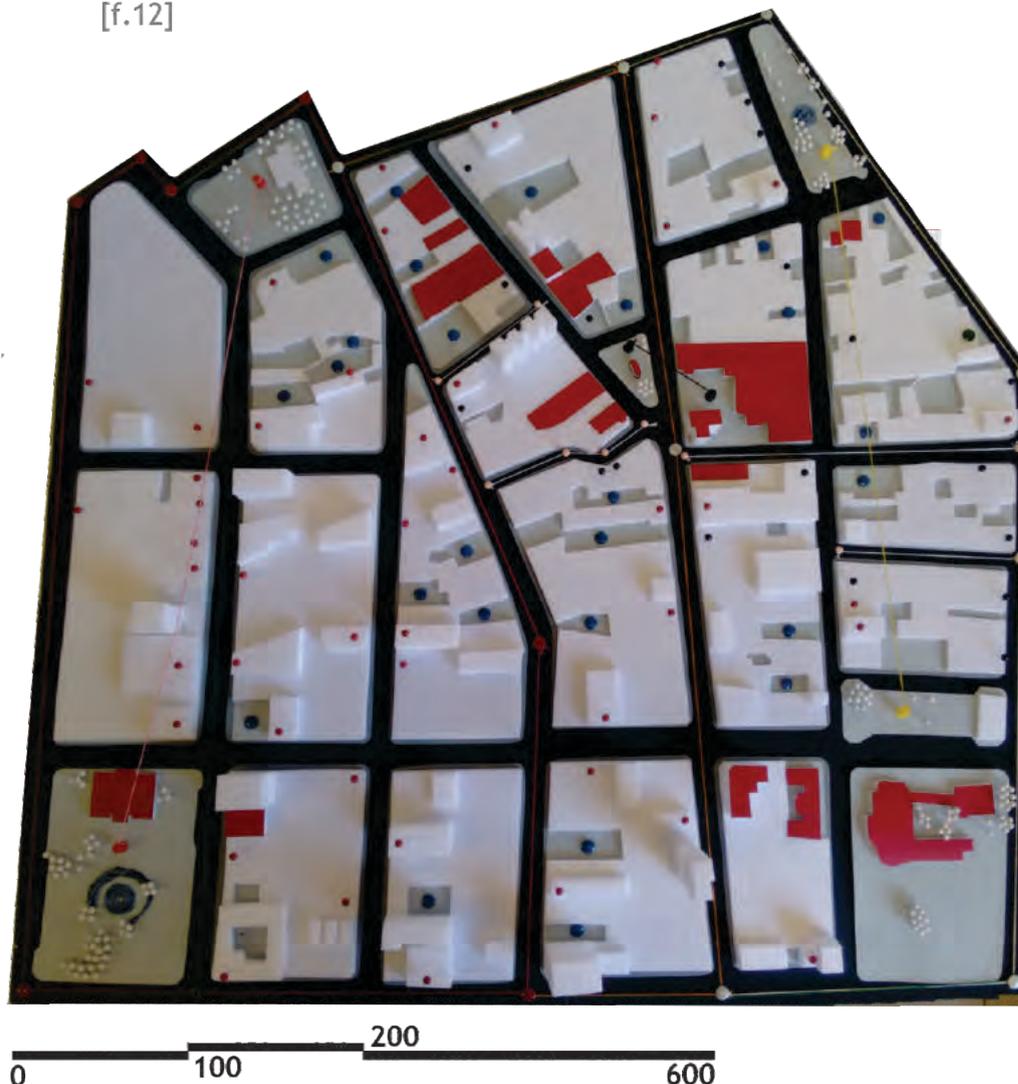
A linha branca conecta as praças Bom Jesus e Americano do Brasil, cujas características são, em parte, semelhantes; Com exceção da praça James Fanstone, são as únicas que possuem quiosques. Levando em conta o fato de estarem localizadas na área de maior fluxo de pedestres e próximas às vias de transporte público, são praças onde o uso de permanência/prolongado é maior que as

outras. Outros fatores que influenciam tal é a presença de arborização, como as gameleiras localizadas na praça Americano do Brasil, utilizadas pelos usuários como 'bancos', compensando a escassez de mobiliários, e a presença de quiosques, lanchonetes e pontos de ônibus, como na praça Bom Jesus.

A mancha amarela marca a área onde o fluxo de pedestres se torna moderado e o comércio diminui um pouco, aparecendo também prestadoras de serviços e o 'centro-médico' começa a se destacar através do Hospital Evangélico Goiano. A linha preta conecta a praça James Fanstone ao edifício do HEG, demonstrando que todos os usos dessa são em função dos usuários do hospital, através do Coreto (lanchonete) e de pequenos espaços de permanência arborizados; A maior parte dos usuários está ligada de alguma forma ao edifício de saúde.

A mancha azul marca a área onde

[f.12]



TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES

LEGENDAS:

[f.13] Mapa de territorialidades.
FONTE: Hanni, 2016

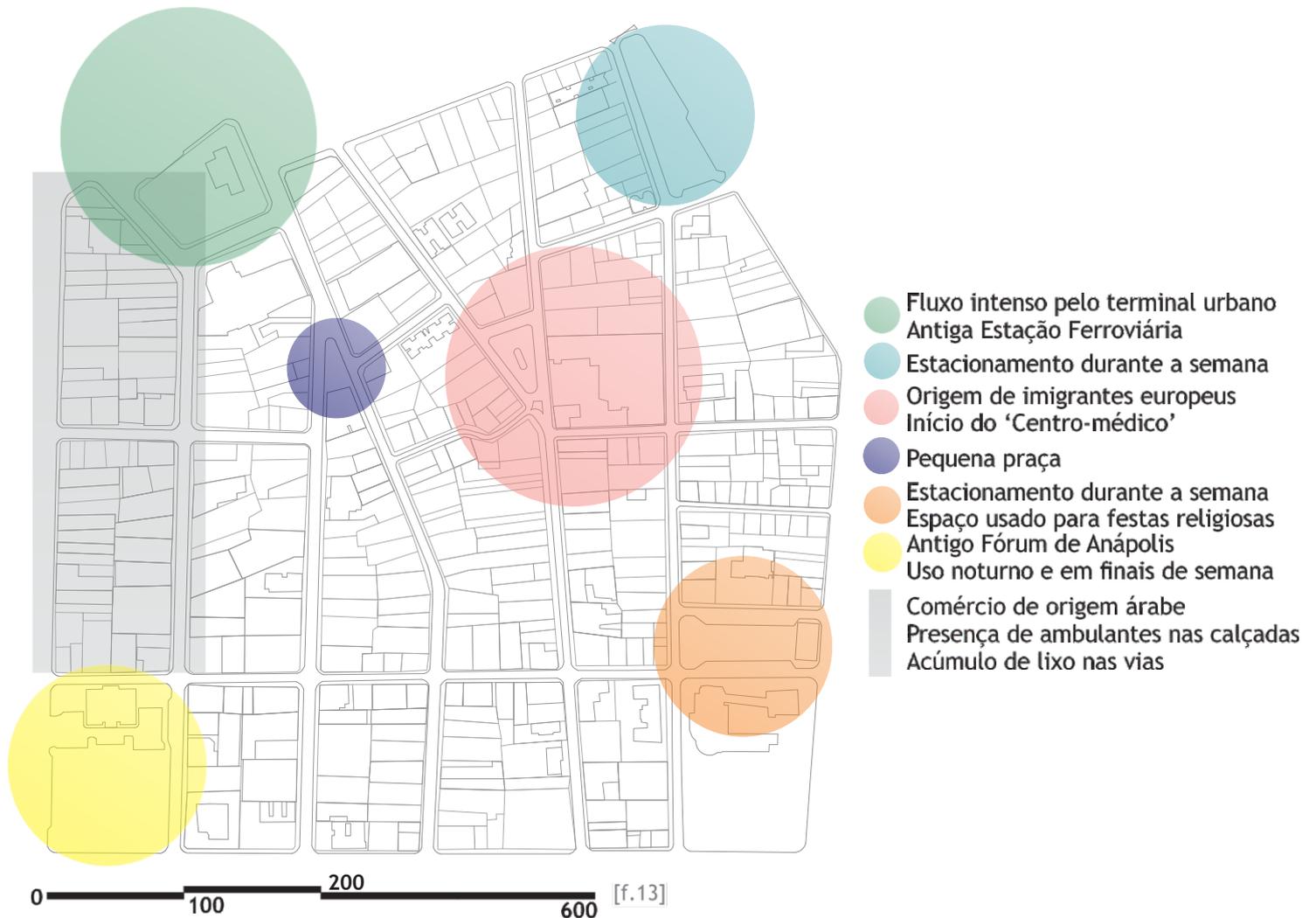
Uma das características mais marcantes que podem vistas no Setor Central é o desequilíbrio de horário de usos, já citado anteriormente. Há pouco movimento depois que o comércio fecha; Vê-se ruas desertas aos finais de semana e feriados, a ponto de se tornarem inseguras aos poucos residentes e funcionários dos Hospitais, principalmente.

Jane Jacobs (2000) trata a questão da distribuição de tempo dos centros urbanos através da análise do desequilíbrio de horários de usos. Segundo a autora, os usos, mesmo que diversos, se restringem ao horário comercial. Há um enorme contraste entre a multidão diurna e a 'quietude mortal' após as cinco, e nos sábados e domingos inteiros. Estabelecimentos e serviços de varejo conseguem se manter pois se instalam em prédios velhos e decadentes, reduzindo suas despesas fixas.

A solução seria não só a efetivação de usos residenciais, mas atrair uma quantidade significativa de turistas e gente da própria cidade que pudessem

frequentar centro nos momentos de lazer. Essas intervenções devem atrair não só um público novo, mas seus atuais trabalhadores e residentes. Devem combinar com o perfil do distrito e nunca atuar no sentido contrário. Eventos realizados no período noturno e fins de semana acabariam 'animando' o local, resultando no surgimento espontâneo do uso residencial.

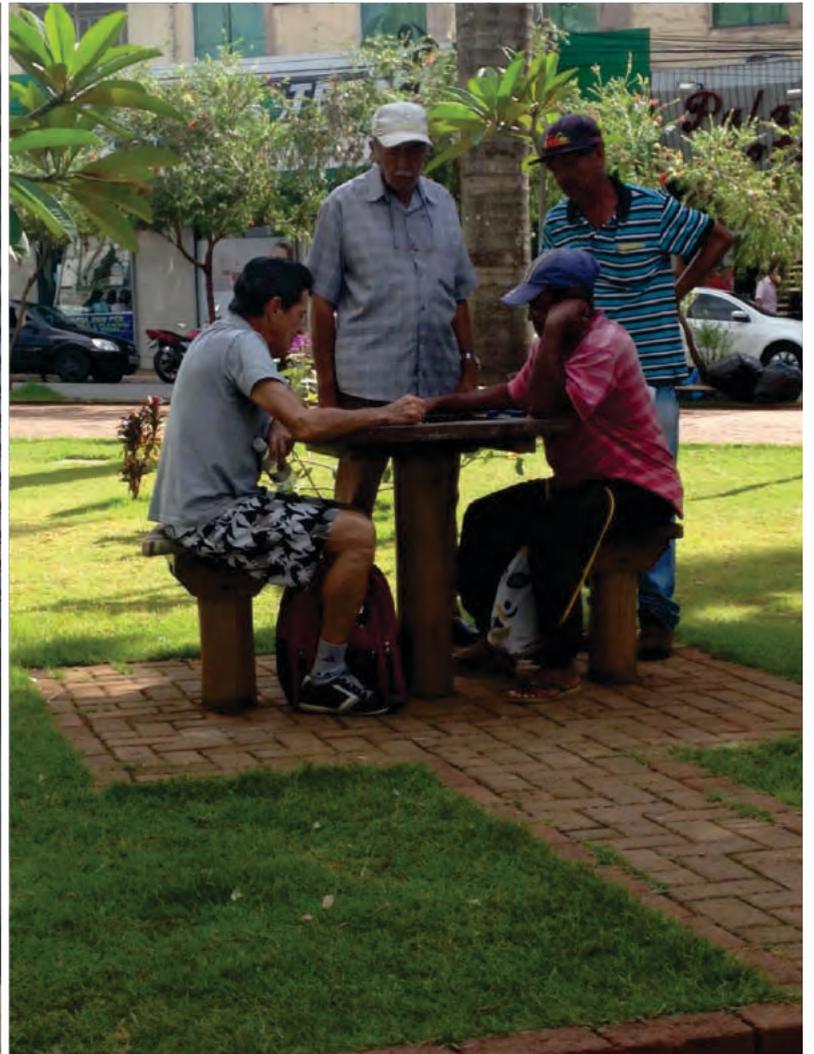
'Qualquer uso principal isolado é um gerador de diversidade urbana relativamente ineficiente.' (Jacobs, 2011, p.177). Ou seja, um uso principal associado a outro, trazendo pessoas para as ruas em horários diferentes, resultam em um ambiente fértil (Jacobs, 2011). As intervenções nos centros urbanos devem visar a melhoria da qualidade de vida urbana para seus cidadãos. (Vargas & Castilho, 2009 *apud* Porter, 1996).





'Desse caminho, decorrem as possibilidades de decifrar a fala da cidade: aquilo que acontece nas ruas, nas praças, nos vazios, aquilo que aí se diz. Ela é, dentre tantas falas, a fala dos aposentados que se encontram nas praças James Fanstone e Bom Jesus. Esses, ali, rememoram suas histórias pessoais, interpenetrando com a própria história da cidade. A memória urbana, geralmente, é mantida nas lembranças dos mais idosos.'

[SILVA, p.147, 2007]



SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS

LEGENDAS:

[f.14] Praça das Mães, Anápolis.
FONTE: Hanni, 2016

Sabe-se que os espaços públicos são de extrema importância para a vida urbana. As praças e ruas do Setor Central de Anápolis podem ser questionadas quanto à qualidade e funcionalidade, considerando o pouco uso em certos horários. Segundo Wall e Waterman (2010), ambientes públicos, como praças, funcionam como salas que criam oportunidades para encontros e intercâmbios. Esses espaços também são locais para festividades e eventos, podendo ser animados por feiras e discursos, assim como as ruas permitem encontro e reconhecimento mútuo. Com a produção de desenhos urbanos que favorecem automóveis, são diminuídas a importância e capacidade desses locais de criar identidade para as comunidades.

Porém, a medida que podem promover o convívio, também podem gerar exatamente o oposto. 'O uso seletivo ou desuso intencional das praças em

decorrência de projetos inadequados, apropriações indevidas por ocupações informais de camelôs ou acampamentos de moradores de rua e estratégias de manutenção que impedem o acesso público são manifestações do mesmo processo de desaparecimento dos territórios comuns e de diversas formas de sociabilidade entre os diferentes segmentos sociais.' (Alex, 2011, p.18)

Os espaços públicos são necessariamente aqueles que não apresentam obstáculos de acesso ou participação da população. Para que as áreas públicas sejam bem aproveitadas, devem haver cinco dimensões: Presença, ou seja, o acesso à todos; Uso e ação, abrangendo as possibilidades de uso do ambiente; Apropriação, onde seus usuários possam ter a sensação de posse; Modificação, alteração do espaço para diversos usos; E disposição, possibilidade de



[f.14]

se desfazer do espaço público (Alex, 2011 apud Lynch, 1987).

Um estudo realizado por William Whyte sobre a vida social dos espaços urbanos mostra que mobiliários onde as pessoas possam sentar são essenciais para gerar ambientes de convívio e a possibilidade de modificá-los permite que haja sentimento de pertencimento, pois ficam confortáveis como desejam (Wall & Waterman, 2010). 'Abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes de apropriação de espaço, as condições que levam à ocupação de determinados locais.' (Cullen, 2010, p.25)

O projeto adequado da praça vai muito além do terreno, segundo Alex (2010), ela deve se integrar à rua e à arquitetura, como uma 'entidade urbanística' que se relaciona diretamente como espaço e o sistema de fluxos de pedestres. O autor analisa também outros referenciais de

observação do uso do espaço livre público de William Whyte e constata que o sucesso desse ambiente está diretamente relacionado ao acesso. 'Uma praça no nível da rua, visível de todas as calçadas, informa aos usuários sobre o local e, portanto, é mais propícia ao uso.' (Alex, 2010, p.25)

Segundo Alex (2010), o sucesso da renovação da praça deve-se, dentre outros, às análises dos usos das praças e eliminação de barreiras que dificultavam o acesso e convívio na área. A praça, limitada por edificações, como um volume oco com ambiência própria, é geralmente responsável por amenizar microclimas próximos e deve estar adequada ao clima em que está localizada. (Mascaró, L., Mascaró, J., 2009)

LEGENDAS:

[f.15] Praça Bom Jesus, Anápolis.
FONTE: Hanni, 2016



[f.15]

PRAÇAS DO SETOR CENTRAL

Praça Bom Jesus

A Praça Bom Jesus [f.71] foi criada em meados da década de 1910, com a construção da capeta do Bom Jesus da Lapa. Em 1940 se tornou um importante ponto com a construção da prefeitura e fórum. Atualmente o edifício é preservado e tombado como patrimônio municipal da cidade e abriga um museu.

Em 24 de agosto de 2012 foi revitalizada e se tornou uma das praças mais importantes da cidade. A fonte luminosa [f.78] da praça também é protegida enquanto patrimônio histórico; É possível ver que existe desde a construção original do projeto [f.71].

Praça Americano do Brasil

Desde 1882, a praça Americano do Brasil era ocupada pelo cemitério local. Na década de 30, com a chegada da Estação Ferroviária à cidade, as tumbas foram retiradas da área. Em 2003, foi inaugurado o monumento que acabou fazendo com que a praça fosse chamada de Praça do Avião: O F103 Mirage que servia na Base Aérea local.

Uma das características mais importantes do espaço são as grandes gameleiras, utilizadas pelos usuários como

Praça das Mães

A Praça das Mães era conhecida como Largo da Boa Vista em suas origens, no início da década de 1920. Em 1928 passa a se chamar Praça Moisés Santana, após receber a primeira escola pública da cidade. Em 1964, após uma revitalização realizada por Jonas Duarte onde foi inaugurado o busto de uma mãe amamentando seu filho, a praça passou a ser comumente chamada de Praça das Mães. Em 1968 o nome foi oficializado.

Dentre características principais do local, pode-se destacar a presença de usuários no horário de almoço em áreas

Praça Santana

Chamada no princípio de Largo de Sant'Anna, remonta o ano de 1870 e é o ponto mais antigo da cidade, onde se desenvolveu e expandiu. Neste local Gomes de Sousa Ramos ergueu uma capela, esta que deu origem a atual Igreja Santana.

A praça pertence à igreja e é palco de diversos eventos religiosos que tomam todo o seu espaço, como a Missa de Corpus Christi. É um local onde quase não há

Através do Uso de Solo percebe-se que o entorno da praça é marcado por um intenso comércio e instituições prestadoras de serviços, gerando bastante fluxo de pedestres, sendo um dos fatores que caracterizam a praça como espaço predominantemente de permanência;

Outros fatores que influenciam são: Presença de abundante vegetação [f.75], mobiliários [f.76], pontos de comércio (quiosques), pontos de ônibus situados nas extremidades da praça, e a topografia semiplana, ao nível da rua, que permite acesso fácil por todos os lados de sua área.

mobiliários sombreados e bancas de vendedores ambulantes. Os bancos existentes atualmente tem incidência solar alta e estão sujos e debilitados.

Durante finais de semana e feriados não há ninguém na praça, uma das razões é a inexistência de pontos comerciais que funcionem durante todo o dia, como as sorveterias e farmácias próximas à praça Bom Jesus. Os usos fora do horário de funcionamento do comércio poderiam ser estimulados através de programas culturais.

sombreadas dos muros de arrimo e não nos mobiliários. Um dos problemas analisados é a dificuldade de acesso devido à topografia, fazendo com que a praça esteja abaixo do nível da rua gerando isolamento.

Apesar de estar conservada, a falta de vegetação, mobiliários e atrativos no entorno reduzem os usuários. Fora do horário comercial, a praça é praticamente inutilizada. Durante a semana é envolvida por carros estacionados e por pedestres. É uma praça de uso transitório e pouco de permanência.

permanência de usuários, principalmente por não dispor mobiliários e vegetação suficientes.

Dentre seus usuários, estão funcionários do comércio próximo e, principalmente alunos do Colégio Antesigna Santana nos horários de almoço. O espaço ao redor da praça é utilizado como estacionamento durante toda a semana.



DIRETRIZES GERAIS



LEGENDA

- | | | | |
|--|---|---|---|
|  | Restauração e requalificação
- Edifícios de interesse histórico; |  | Padronização da pavimentação
dos passeios entre as praças
Americano do Brasil e James
Fanstone |
|  | Atribuição de novos usos a
estacionamentos para estimular
a vida nas praças; |  | Novos Pontos de Ônibus |
|  | Restaurante Municipal;
Transferência de seu espaço
para proximidade com a Praça
das Mães, estimulando seu uso; | 1 | Praça Americano do Brasil: Espaços livres para
eventos culturais integrados à Estação Ferroviária;
Revitalização da pavimentação e mobiliários;
Transferência do quiosque para a Biblioteca
Municipal; Requalificação de outros ambientes
da Biblioteca para usos culturais fora do horário
comercial (Finais de Semana e noite); |
|  | Atribuição de novos usos a
terrenos subutilizados para
estimular a vida nas praças; | 2 | Praça das Mães: Novos acessos à praça considerando
a topografia e acessibilidade, atendendo a função de
mobiliário; Implantação de quiosque e ponto de ônibus
para estimular permanência; Novas massas de
vegetação; |
|  | Integração cultural da Antiga
Ferrovia com a praça Americano
do Brasil;
(Programas sociais culturais) | 3 | Praça James Fanstone: PROPOSTA DE PROJETO |
|  | Vias compartilhadas em mesmo
nível, considerando que as vias
são estreitas e que não há
acessibilidade adequada para o
projeto proposto; Ampliação
dos limites da praça James
Fanstone à rua; | 4 | Praça Santana: Implantação de quiosque e ponto de
ônibus para estimular permanência e uso;
Revitalização do pavimento; Implantação de mobiliários
para atender aos alunos do colégio Antesina Santana; |

A REABILITAÇÃO URBANA E EDIFICADA

LEGENDAS:

[f.17] Mapa Área de Intervenção. FONTE: Hanni, 2016

[f.18] Praça James Fanstone e Edifício-Sede ao fundo. FONTE: Hanni, 2016

[f.19] Praça James Fanstone e Edifício-Sede ao fundo. FONTE: Acervo Museu Histórico de Anápolis

[f.20] Mobiliário degradado, Praça James Fanstone. FONTE: Hanni, 2016

[f.21] Coreto Praça James Fanstone. FONTE: Hanni, 2016

[f.22] Praça James Fanstone. FONTE: Hanni, 2016



- Edifícios de interesse histórico
- Praça James Fanstone
- Coreto de 1958
- Edifício Daisy Fanstone

Praça James Fanstone

- Local: Entre as ruas Achilles de Pina, Manoel D'Abadia e Dr. Genserico Setor Central - Anápolis

- Ano da Construção: 1926 (Praça e Coreto)

- Proprietário: Município

- Autor do Projeto: Graciano Antônio da Silva (Praça);
Oswaldo Vernano (Coreto original)

- Estilo: O novo coreto, alterado em 1958, possui estilo Art Déco; Foi tombado em 2001 mas ainda tem sofrido diversas modificações.



Como foi dito anteriormente, a praça James Fanstone, inaugurada no dia 02 de Agosto de 1926, tem atendido as necessidades do seu entorno, principalmente enquanto espaço de convívio e permanência dos usuários do Hospital Evangélico Goiano.

Atualmente, a praça está degradada, com mobiliários insuficientes e conforto aquém do seu potencial; Conversando com usuários e por experiência própria, pude perceber que o espaço funciona como 'fuga' do ambiente hospitalar caótico mas não traz um ambiente acolhedor. É possível ouvir: 'A praça não é um espaço de descanso físico e mental não é acolhedor, é tão ruim quanto estar dentro do hospital.' Percebi, assim, que algumas intervenções poderiam transformar o local em um espaço de

permanência agradável e melhorar um pouco a qualidade de vida dos seus usuários.

Outra problemática analisada é o entorno histórico edificado desvalorizado culturalmente. A praça é envolvida por diversos edifícios histórico-culturais degradados e poluídos visualmente com marquises, como a antiga residência do Cel. Graciano Antônio da Silva (FERREIRA,1979). Há também edifícios subutilizados e alterados, como o antigo e luxuoso Cine Teatro Imperial, inaugurado em 1936, considerado um 'conto de fadas' pelos anapolinos da época (FERREIRA,1979); A antiga revendedora GMC (1940) em estilo Art Déco, hoje estacionamento; O Hospital Evangélico Goiano (1927) e o Edifício-Sede do HEG (1933).

LEGENDAS:

[f.23] Edifício-Sede.
FONTE: Hanni, 2016

[f.24] Edifício-Sede
1940. FONTE: Acervo
Museu Histórico de
Anápolis

Edifício Daisy Fanstone - Antigo Edifício-Sede HEG

- Local: Rua Manoel D'Abadia - Setor Central de Anápolis

- Ano da Construção: 1933

- Proprietário: HEG - Hospital Evangélico Goiano

- Autor do Projeto: James Fanstone

- Uso original: Residência para enfermeiras; Posteriormente, a Escola de Enfermagem Florence Nightingale;

Uso atual: Clínicas/Subutilizado (Alguns pavimentos sem uso)



[f.23]



[f.24]

De acordo com o Caderno de Pesquisas Nº2 do Museu Histórico de Anápolis, o edifício possui diversos elementos da arquitetura hospitalar inglesa do Séc. XIX e início do Séc. XX como o Hospital de Homeopatia de Londres entre 1850 e 1859.

O uso atual do edifício é, em partes, o mesmo do original; No primeiro pavimento localizavam-se todas as dependências médicas e laboratório. No subsolo ficava a cozinha. No último pavimento residia a família Fanstone e, nos demais pavimentos, residiam as enfermeiras do HEG (FERREIRA, 1979). Posteriormente funcionou como uma das principais escolas de enfermagem do país, a 'Florence Nightingale'. Atualmente funciona como clínicas em alguns 'apartamentos, divididos entre si através de divisórias removíveis; Vários outros estão sem uso. No subsolo funcionam escritórios de advocacia.

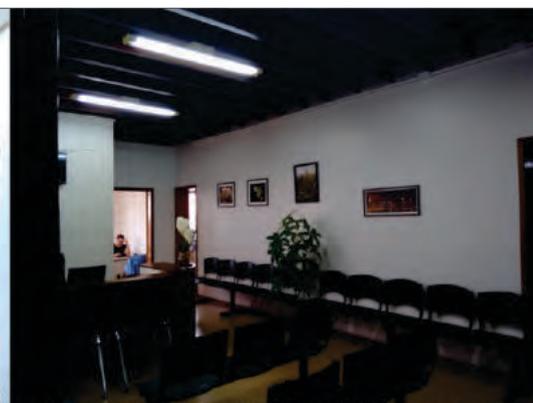
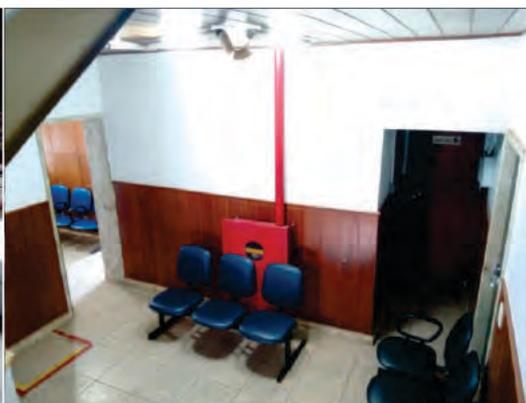
Considerando os usos atuais, é possível perceber que as atividades desenvolvidas são mais ligadas à saúde. Como são poucos consultórios em funcionamento, o número de pessoas que frequentam o edifício é pequeno, limitando-se a pacientes, funcionários e médicos. Em relação à acessibilidade, está bastante próxima ao terminal urbano de Anápolis, há diversas linhas e pontos de ônibus no entorno; Não há, porém, linhas que passam pelas ruas que compõem a praça. As áreas de estacionamento locais são pagas.

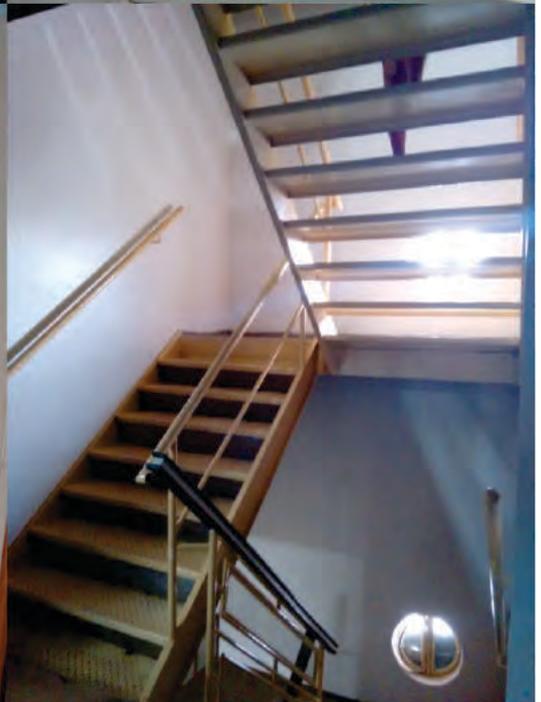
O prédio possui enorme interesse histórico-cultural; Foi o primeiro edifício de 'tantos andares' e o primeiro elevador do estado de Goiás (FERREIRA, 1979). Passou por várias modificações em sua arquitetura original, como: O fechamento de sacadas, troca de janelas, intervenções na fachada, aumento da área do último pavimento (Forro acessível), substituição do antigo elevador e outros; Mas mantém sua estrutura original, alvenaria estrutural.

Atualmente, possui as instalações básicas necessárias; Sua estrutura e alvenaria estão conservadas e os apartamentos que passaram por reformas também (consultórios); Aqueles que estão subutilizados estão degradados e em mal estado. No momento está sendo feita uma reforma no último andar, onde o forro e estrutura do telhado são visíveis.

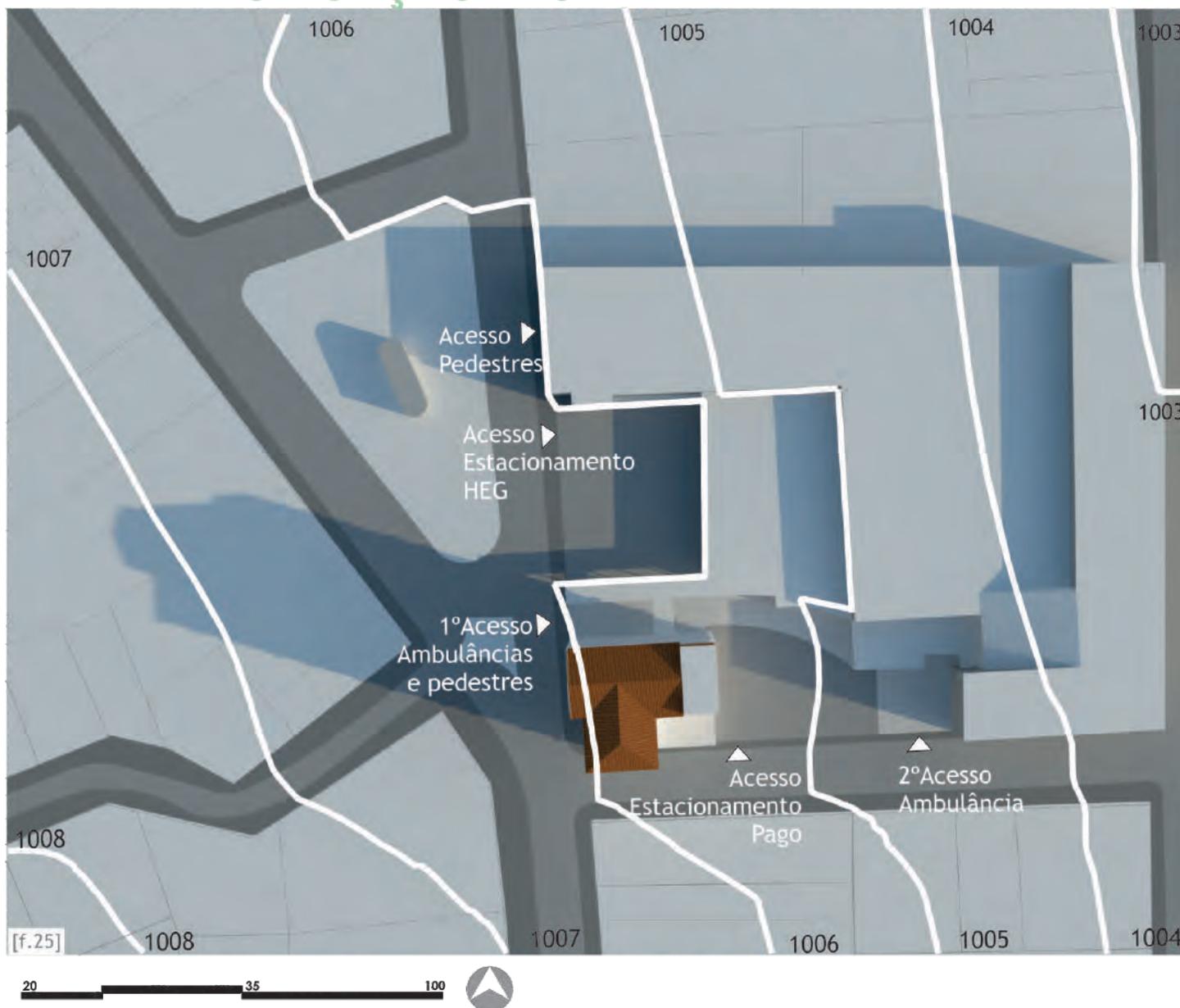
Em 2013, toda a fachada do edifício foi pintada; Em seu interior, ainda há partes com pavimentos e janelas quebradas. Um dos maiores problemas destacados é a falta de acessibilidade logo na entrada do edifício: É preciso subir um lance de escada para ter acesso ao primeiro pavimento e, conseqüentemente, ao elevador. Não há, também, sinalização para deficientes visuais e auditivos. Sendo assim, já não atende às necessidades básicas exigidas de um edifício 'hospitalar' por não ser acessível a portadores de necessidades especiais. Todos os andares são pavimentos-tipo, com exceção do último e o subsolo; É composto basicamente pela caixa de escada e hall, com banheiros, que dá acesso às dois 'apartamentos' por andar.

O Retrofit, ou seja, adaptação a um novo uso, permite preservar o edifício e, ao mesmo tempo adaptá-lo para exercer alguma função social. A reabilitação de edifícios visa a inserção ou manutenção das redes de instalações necessárias para atender o uso vigente; Podem ser feitas, também, ampliações do espaço através de edifícios anexos ou construção de entrespos. Com a aplicação das diretrizes gerais, revitalização da praça James Fanstone e restauração do Coreto, associadas ao Retrofit proposto, não será apenas a valorização de uma das áreas mais importantes, histórica e culturalmente, da cidade, mas também o restabelecimento da função social local.





SITUAÇÃO ATUAL



LEGENDAS:

[f.25] Implantação esquemática com topografia. FONTE: Hanni, 2017

[f.26] Diagramas de uso atual. FONTE: Hanni, 2017

A imagem mostra a implantação atual da área de intervenção. Os responsáveis pelo Hospital Evangélico Goiano, cujo projeto original já sofreu algumas alterações ao longo dos anos, construíram um anexo onde antigamente ficava uma quadra poliesportiva. O anexo tem apenas o pavimento térreo onde funciona a Clínica de Hemodinâmica do hospital.

Há dois estacionamentos, um para funcionários e outro público (pago). O primeiro, voltado à praça, era antigamente um jardim onde as enfermeiras costumavam caminhar com os pacientes. Há dois acessos para ambulâncias; O primeiro divide seu espaço com o acesso ao Edifício Daisy Fanstone. Originalmente, o

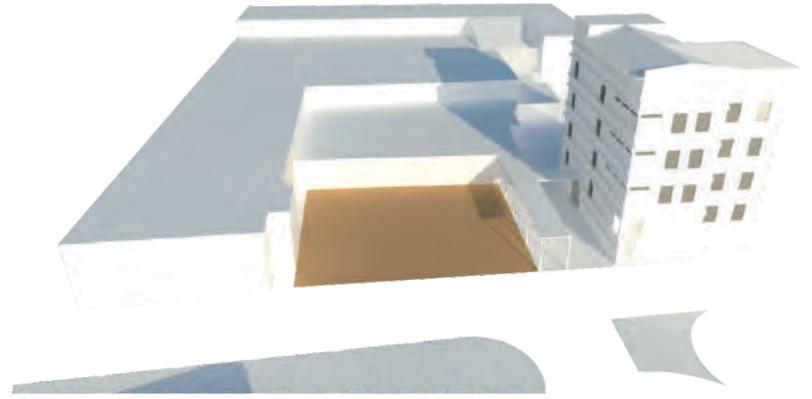
fluxo de ambulâncias acontecia apenas pelo 2º acesso.

Um dos problemas do local são as antigas ruas, estreitas e sem acessibilidade. As calçadas existentes não atendem às medidas exigidas quando as edificações não possuem recuos frontais e a dimensão dos leitos, que por sua vez são mínimos, não permitem que haja ampliação dos passeios. A solução seria transformar as ruas em vias compartilhadas, ou seja, divisão do espaço entre veículos, ciclistas e pedestres.

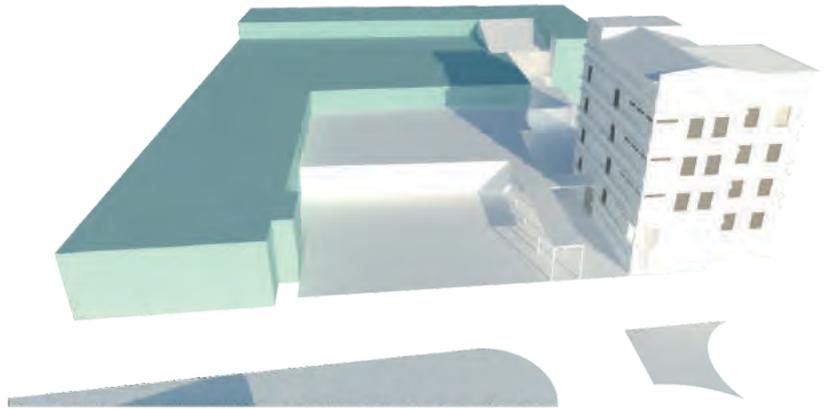
Em relação ao gabarito, o Edifício Daisy Fanstone possui 5 Pavimentos, o Edifício do HEG entre 2 e 3 pavimentos e seu novo anexo, apenas o pavimento térreo. O terreno onde estão localizados os edifícios tem uma queda de 5 metros na topografia.



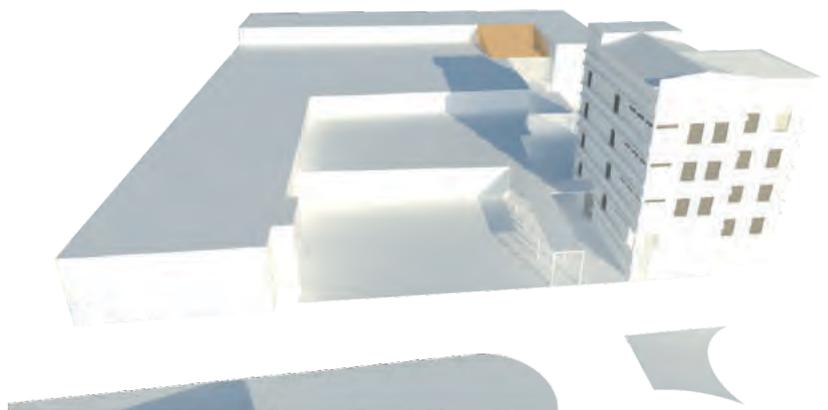
Estacionamentos



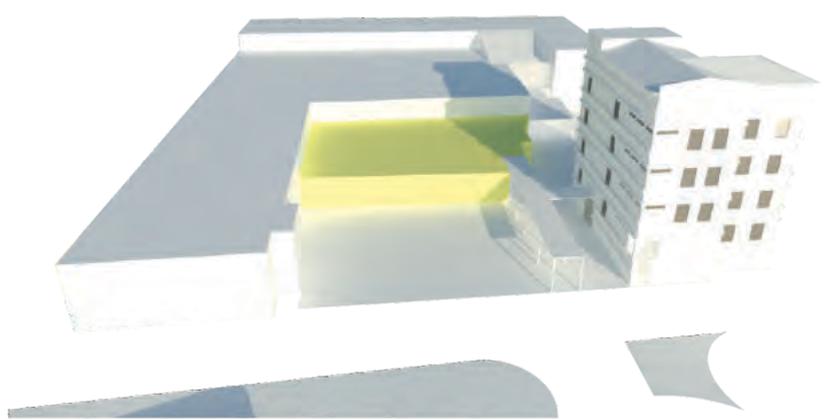
Hospital Evangélico Goiano
- Projeto Original

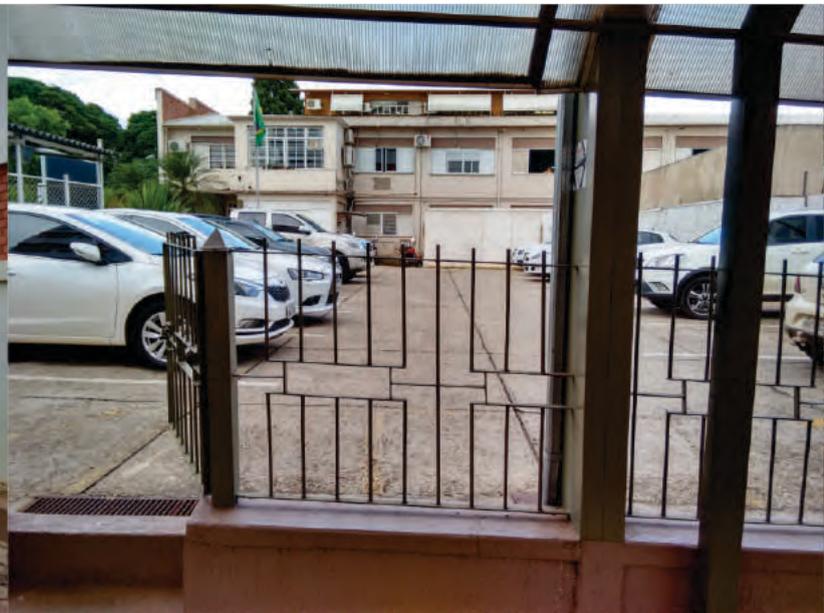
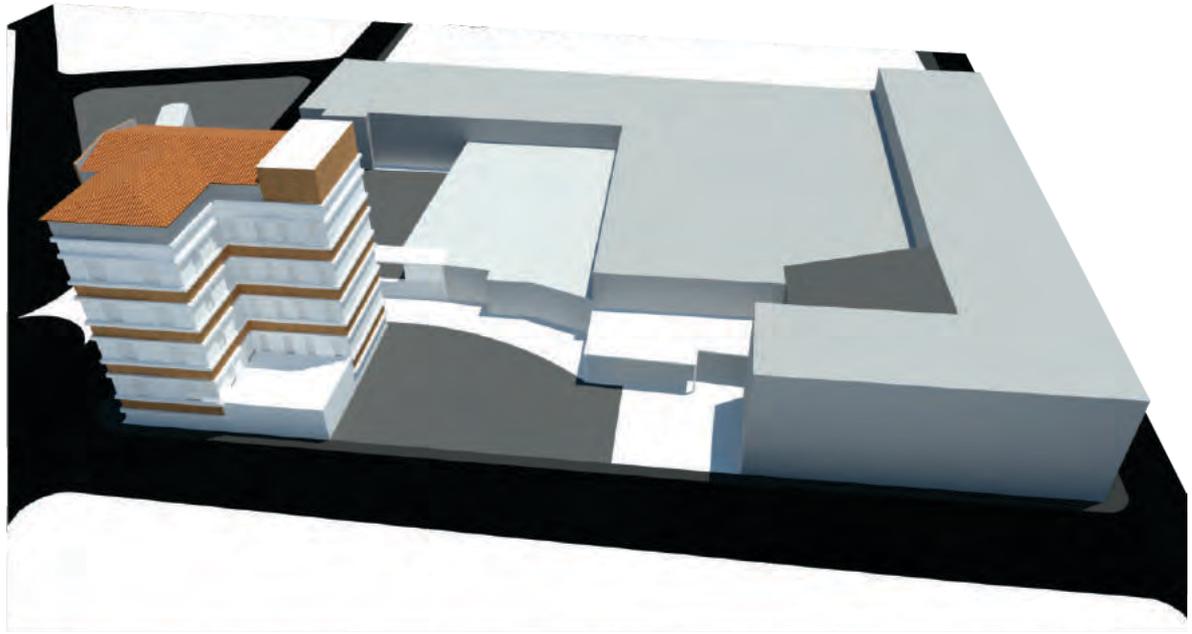


Caixa de Rampas de Acesso



Hemodinâmica
- Anexo recente







PROPOSTA

LEGENDAS:

[f.27] Implantação esquemática da proposta com topografia. FONTE: Hanni, 2017

[f.28] Diagramas da proposta. FONTE: Hanni, 2017



A proposta do projeto consiste em um novo paisagismo da Praça James Fanstone, mantendo seus limites originais através da paginação do piso, integrando-a à uma nova praça, de mesma paginação, projetada no antigo estacionamento e anexo de Hemodinâmica do HEG. Ambas as praças no mesmo nível das vias compartilhadas;

Integrar as praças, propor vias compartilhadas e manter tudo no mesmo nível permite que a velocidade do trânsito seja reduzida, e que os caminhos e limites se ampliem, transformando a própria rua em espaço de convívio. Essa é uma maneira de unir melhor todos os espaços que já se relacionam atualmente. A transferência do anexo de Hemodinâmica a um terceiro pavimento, no Hospital Evangélico, acontece próximo à caixa de rampas preexistente sendo possível a construção de uma nova rampa de acesso ao anexo.

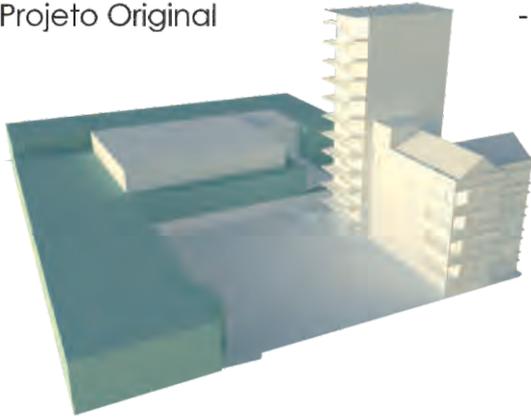
Os estacionamentos existentes serão relocados no subsolo da Praça Integrada, considerando recuos de 3 metros necessários para possível valas de

recalçamento das antigas fundações do Hospital Evangélico.

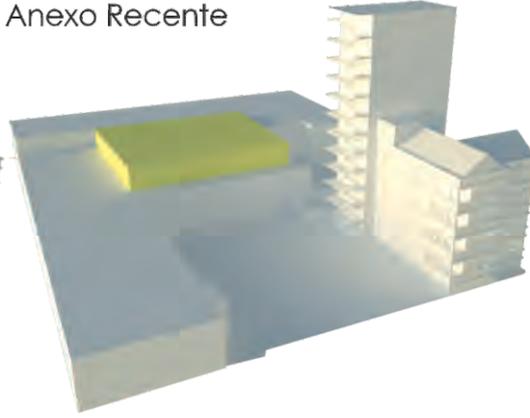
A proposta do projeto é de reabilitar o antigo Edifício-Sede, atual Daisy Fanstone, à policlínica (Consultórios) e criar um anexo habitacional ligado à cobertura da preexistência. Sua área considera a distância de 3 metros para possível recalçamento da preexistência e a distância de 8 metros para proteção contra incêndios, do HEG.

A decisão de construir um anexo habitacional retoma todo o estudo dos usos analisados anteriormente; Sabe-se que um dos meios de restabelecer a função social dos centros urbanos, acontece através da aplicação de novos usos que auxiliarão na problemática de horários. Retomar o uso habitacional no local permite que haja fluxo de pessoas após o horário comercial e, assim, mais segurança. O anexo propõe habitações para uso temporário de usuários como familiares de pacientes de pequenas cidades próximas, estudantes, funcionários, residentes e etc.

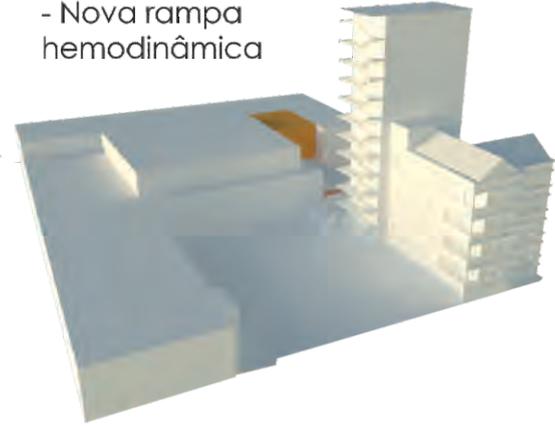
Hospital Evangélico Goiano
- Projeto Original



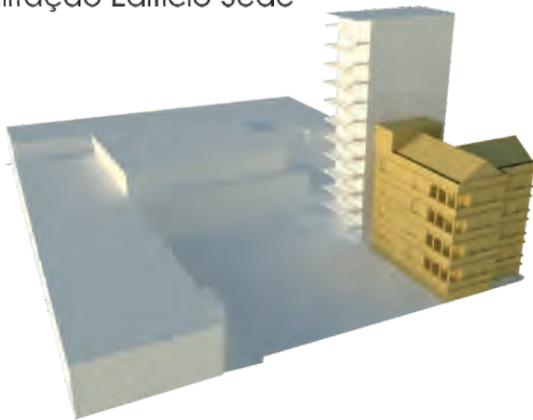
Relocação Hemodinâmica
- Anexo Recente



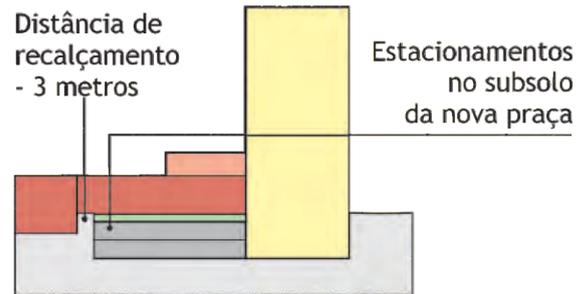
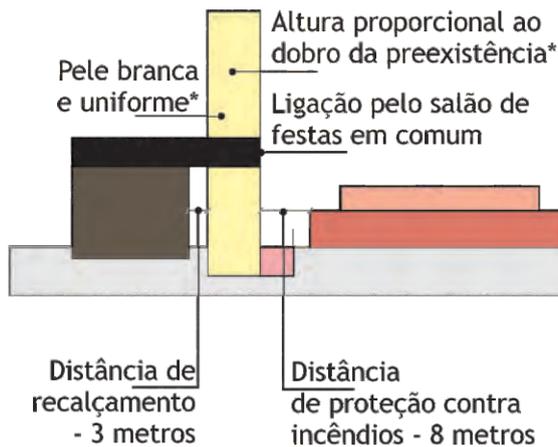
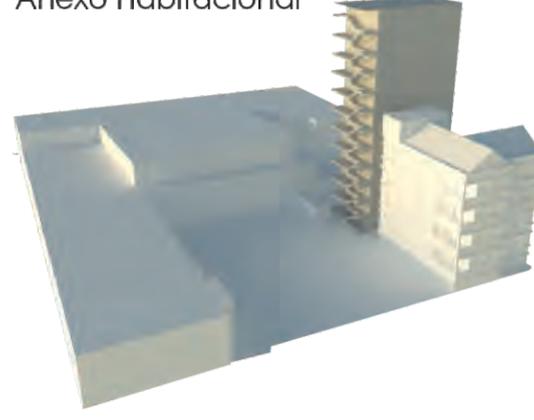
Reforma rampas existentes
- Nova rampa hemodinâmica



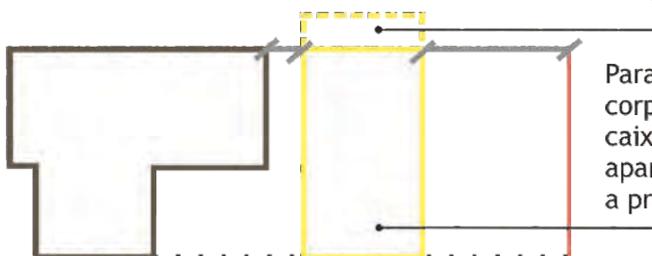
Reabilitação Edifício-Sede



Anexo Habitacional



* Sua altura deve-se à área, que é pequena, em razão dos recuos laterais. A necessidade de maior número de apartamentos faz com que o edifício seja maior porém, sem perder a proporcionalidade com a preexistência. Para não criar um contraste negativo com entre os edifícios, o anexo será todo coberto por uma pele móvel branca e uniforme.



Para atender as normas de acessibilidade do corpo de bombeiros e o espaço restrito, a caixa de escadas é externa, ventilada e aparente - para não influenciar diretamente a proporção da volumetria;

O edifício anexo é proporcional à preexistência no eixos laterais;

PROJETO DA PRAÇA





DIAGRAMA DE FLUXOS POSSÍVEIS ENTRE AS VIAS, A PRAÇA JAMES FANSTONE, A PRAÇA HEG, O EDIFÍCIO DAISY FANSTONE, O ANEXO HABITACIONAL E O COMÉRCIO NO ENTORNO;

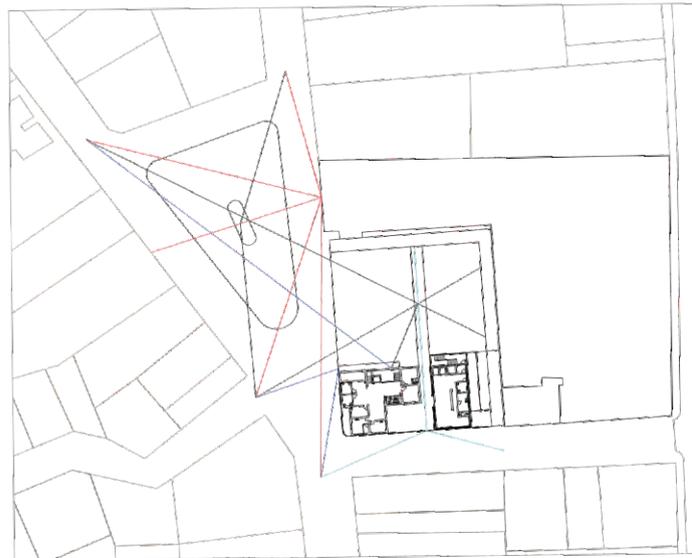


DIAGRAMA DOS PRINCIPAIS FLUXOS ANALISADOS;



DIAGRAMA DA PROPOSTA DE DESENHO CONSIDERANDO OS PRINCIPAIS FLUXOS ANALISADOS, OS LIMITES ORIGINAIS DA PRAÇA JAMES FANSTONE E A PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO COM A PRAÇA HEG; ESTAS, SÃO INTEGRADAS ATRAVÉS DA MESMA COR DE PAGINAÇÃO E PROPOSTA DE CANTEIROS DE VEGETAÇÃO; OS DEMAIS FLUXOS SÃO DESTACADOS NA PAGINAÇÃO DAS VIAS COMPARTILHADAS;

PROJETO DA PRAÇA



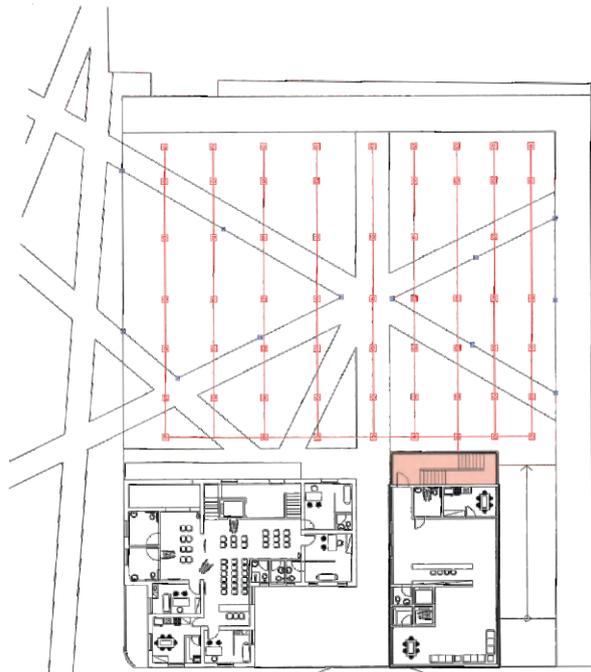
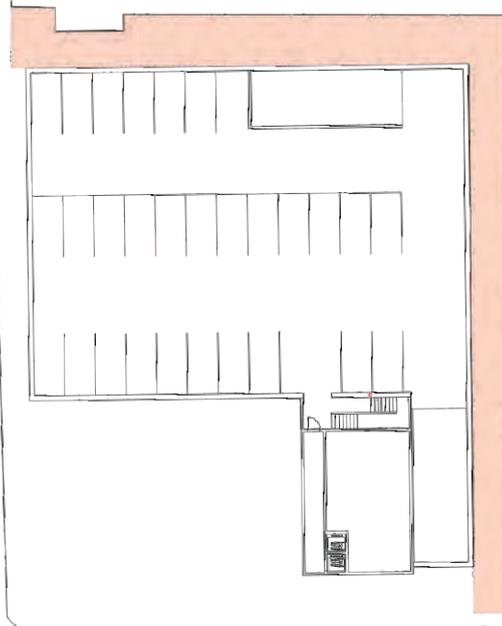
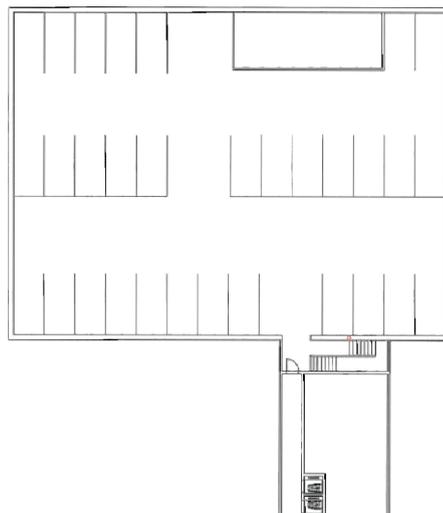
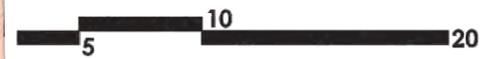


DIAGRAMA DO SISTEMA DE DRENAGEM COM POÇO DE COLETA (VERMELHO) E ESTRUTURA DE POSSÍVEIS COBERTURAS (AZUL)



PLANTA DO ESTACIONAMENTO COM RECUOS PARA POSSÍVEIS VALAS DE RECALÇAMENTO DAS FUNDAÇÕES - SUBSOLO 1



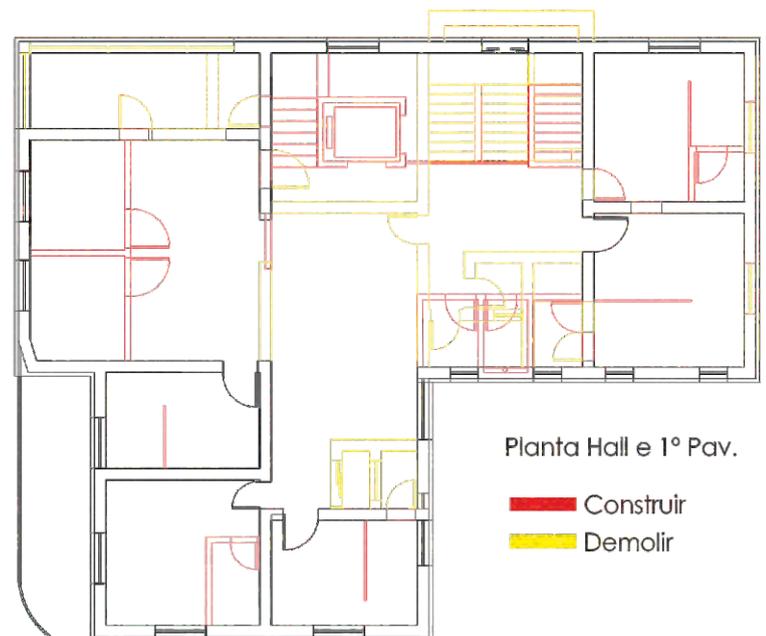
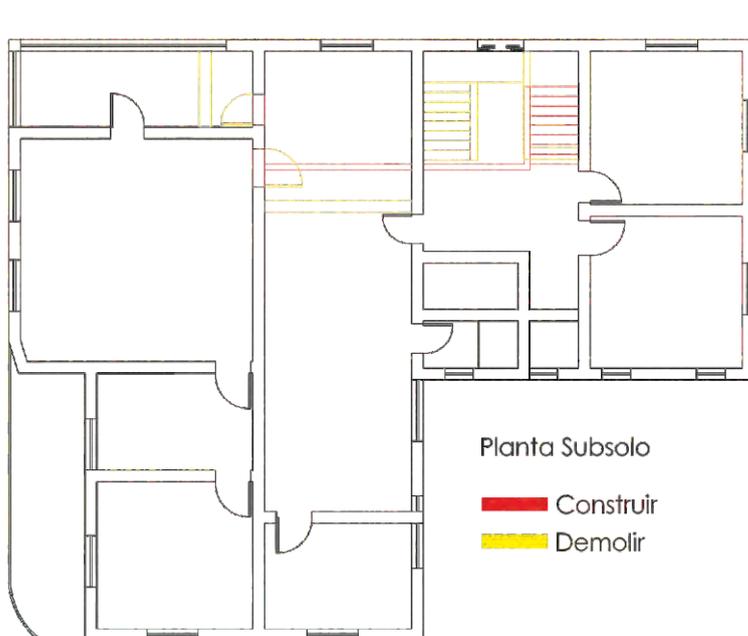
PLANTA DO ESTACIONAMENTO - SUBSOLO 2

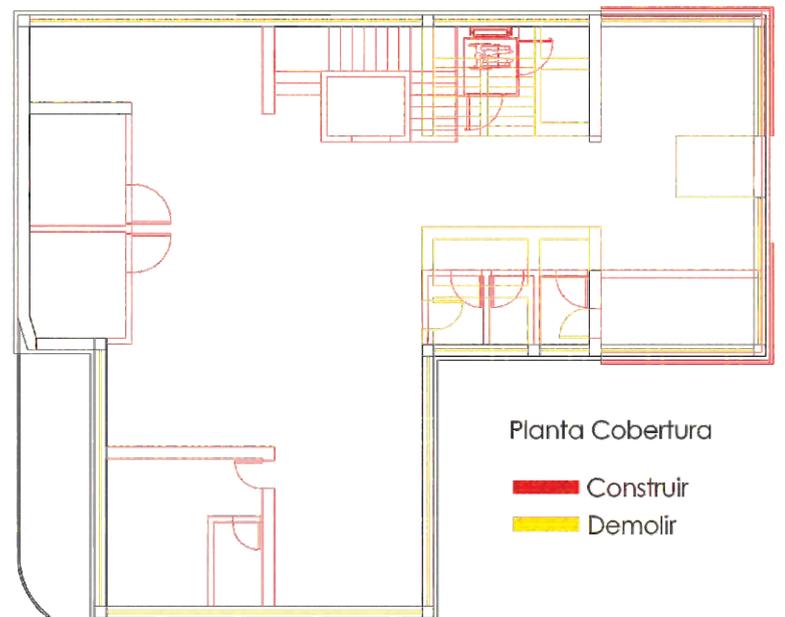
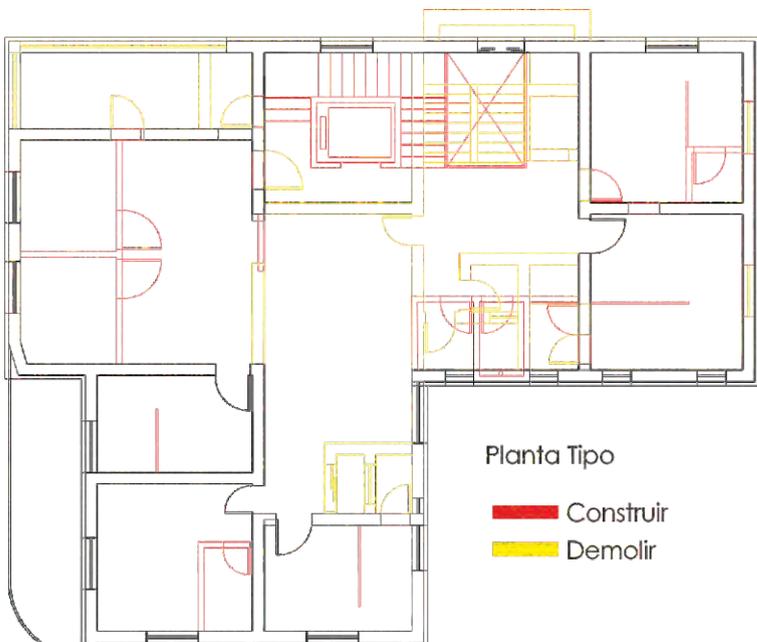
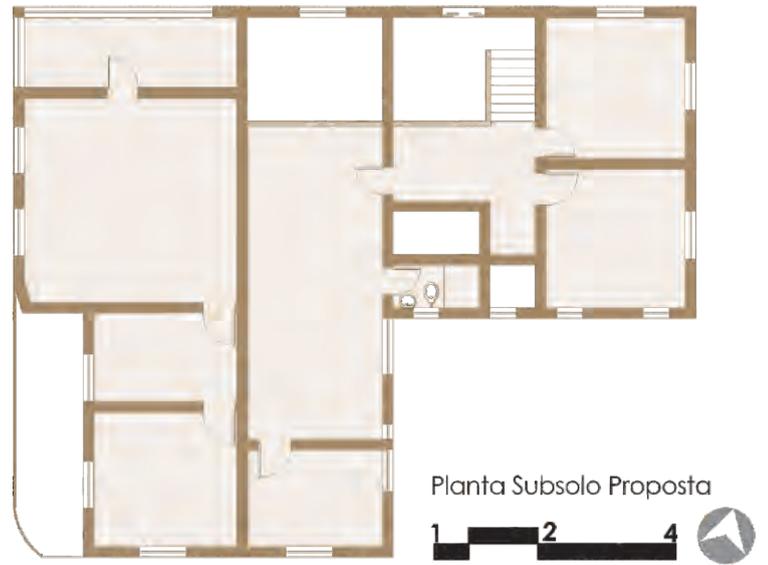


REABILITAÇÃO DO EDIFÍCIO-SEDE

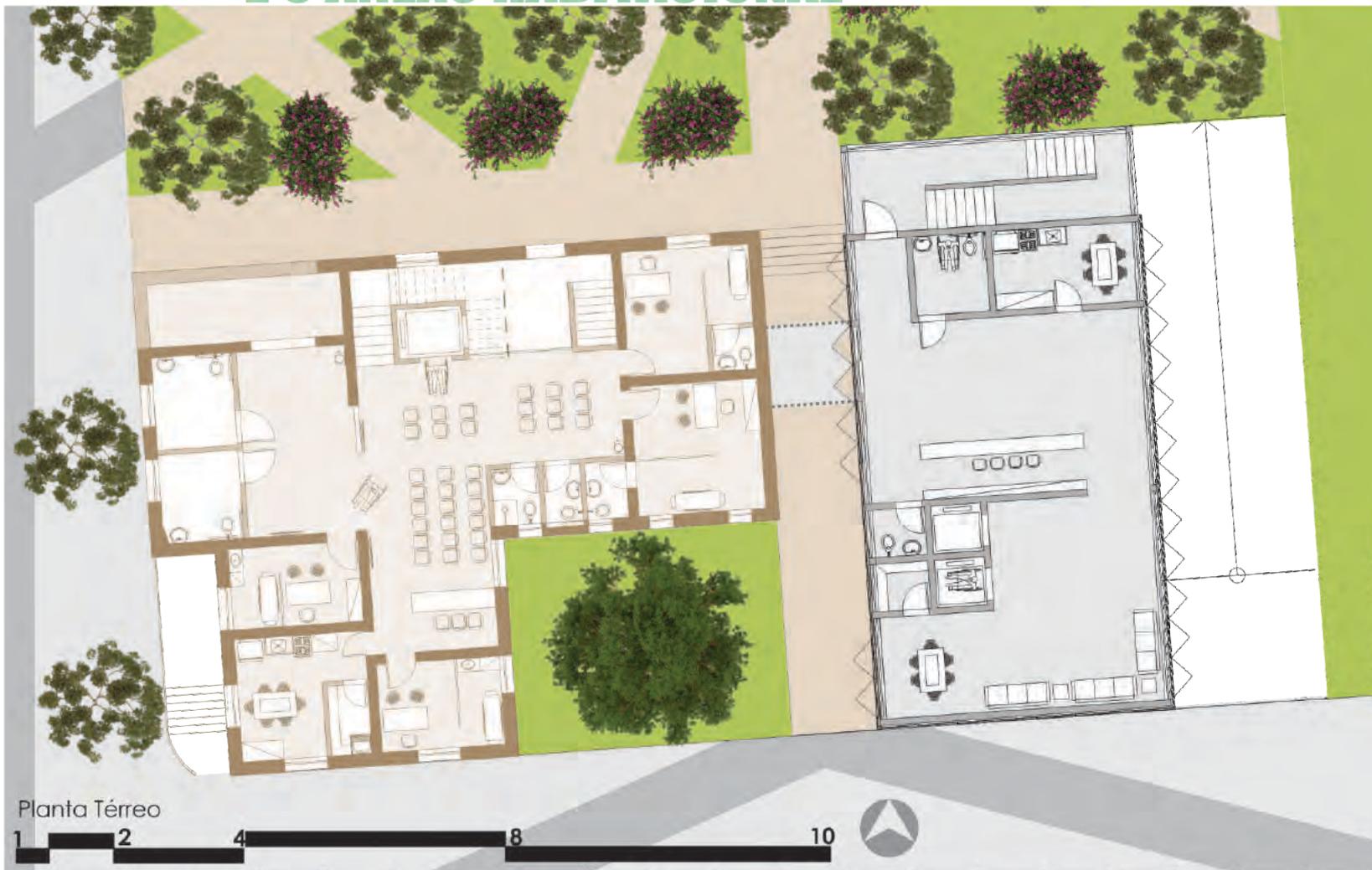
A proposta de reabilitação do edifício-sede do Hospital Evangélico Goiano visa estabelecer as condições mínimas necessárias de uma Policlínica - uso atual. Como foi citado, um dos maiores problemas é a falta de acessibilidade do prédio; não só em sua entrada principal, mas em todo o projeto. Sendo assim, a primeira solução estabelecida foi de ampliar o hall de entrada, com acesso principal ao nível da calçada e com elevador aos demais pavimentos. No projeto original, é preciso subir lances de escada para acesso ao elevador, pois há um desnível entre o hall e o primeiro pavimento. O projeto também propõe a ampliação do hall interno, criando uma

ampla recepção com banheiros acessíveis a portadores de necessidades especiais. Os demais ambientes são adaptados a consultórios. Todas as intervenções não alteram a fachada original, com exceção da proposta de abertura das antigas sacadas, vedadas há alguns anos, e a volta do telhado de duas águas. A cobertura, cujo projeto não apresenta paredes divisórias, estará diretamente ligada ao anexo habitacional através de um amplo salão para eventos. A 'caixa de alvenaria' na preexistência, é revestida com a pele do anexo, criando unidade entre a integração dos edifícios. O acesso a essa cobertura é feita através de escadas e um elevador hidráulico.





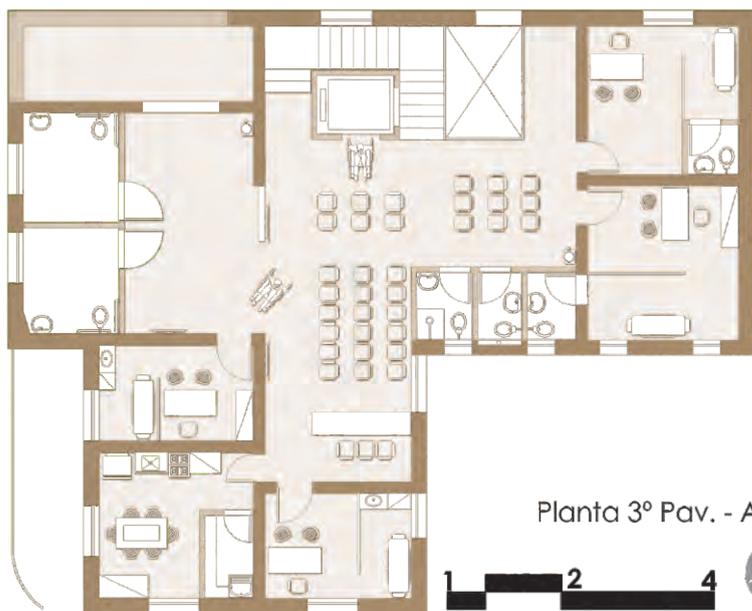
E O ANEXO HABITACIONAL



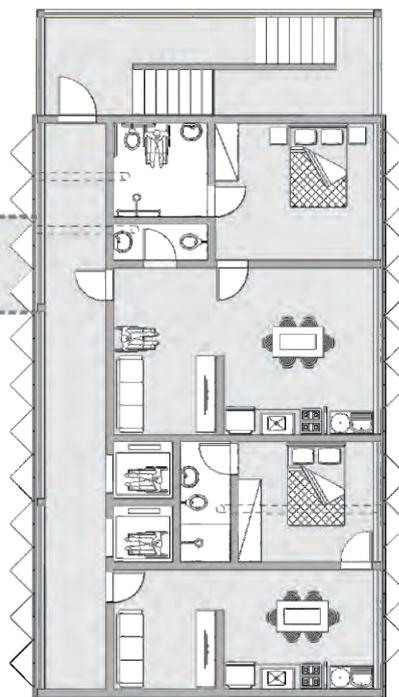
Planta 2º Pavimento - Preexistência



Planta 3º Pavimento - Preexistência



Planta 3º Pav. - Anexo



Layout Alternativo



A proposta do Anexo Habitacional é de disponibilizar apartamentos de caráter provisório, que possam ser utilizados por pacientes, familiares, residentes, estudantes, funcionários e etc. O projeto propõe duas plantas-tipo, a primeira com dois apartamentos, sendo um deles acessível à portadores de necessidades especiais e, a segunda, com três apartamentos duplex.

-TIPO 1: 2º, 3º, 4º e 6º pavimentos

-TIPO 2: 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º pav.

A grande circulação permite acesso à caixa de escada externa e aos apartamentos; Sua continuidade ao longo do edifício permite que a fachada, cuja vedação é feita de paredes-janela de vidro, permaneça uniforme quando a pele que reveste o edifício for aberta. Esta, por sua vez, foi proposta afim de gerar uniformidade na fachada, com materiais brancos e leves, sem 'competir' com a preexistência, cujos materiais são 'pesados.'

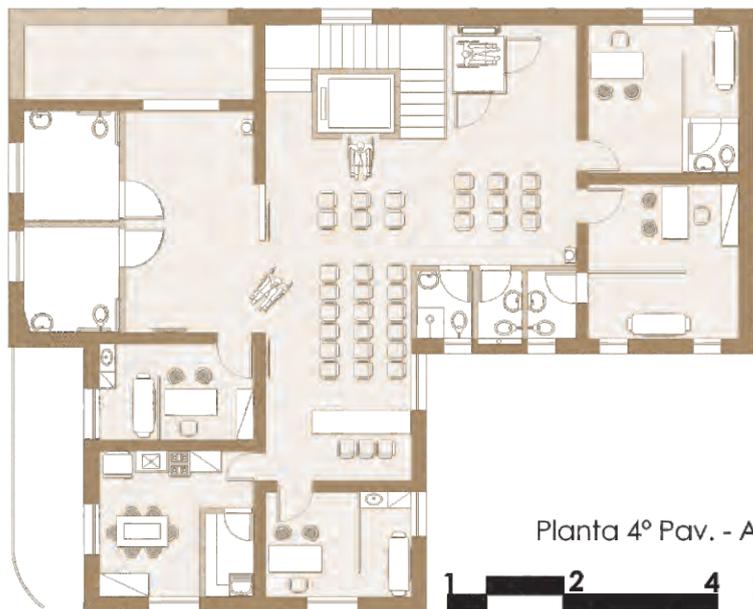
TIPO 1



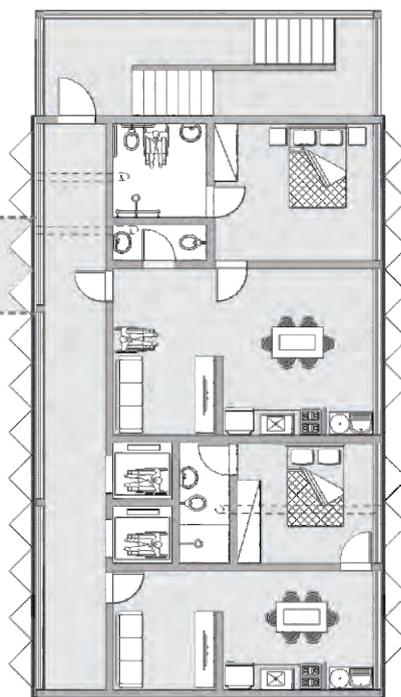
TIPO 2



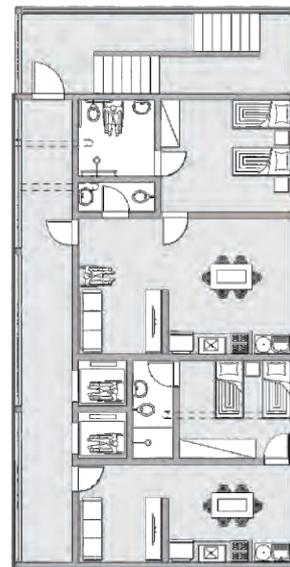
Planta 4º Pavimento - Preexistência



Planta 4º Pav. - Anexo



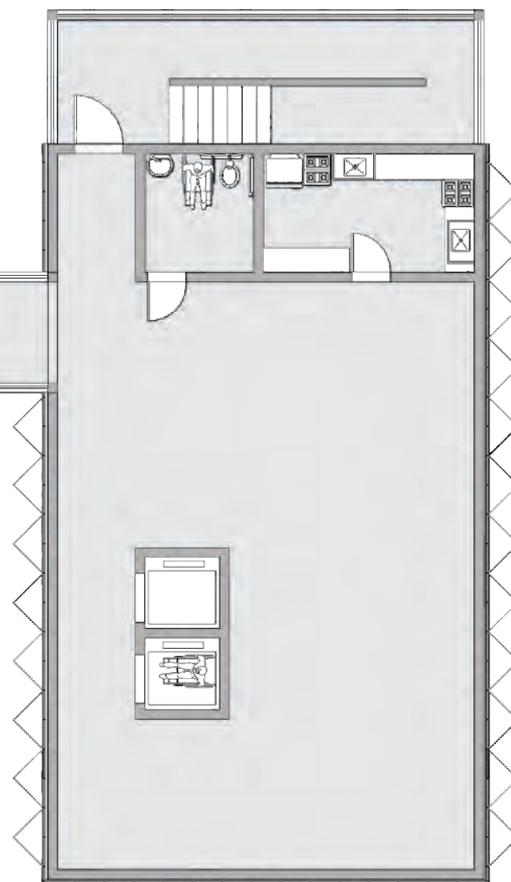
Layout Alternativo



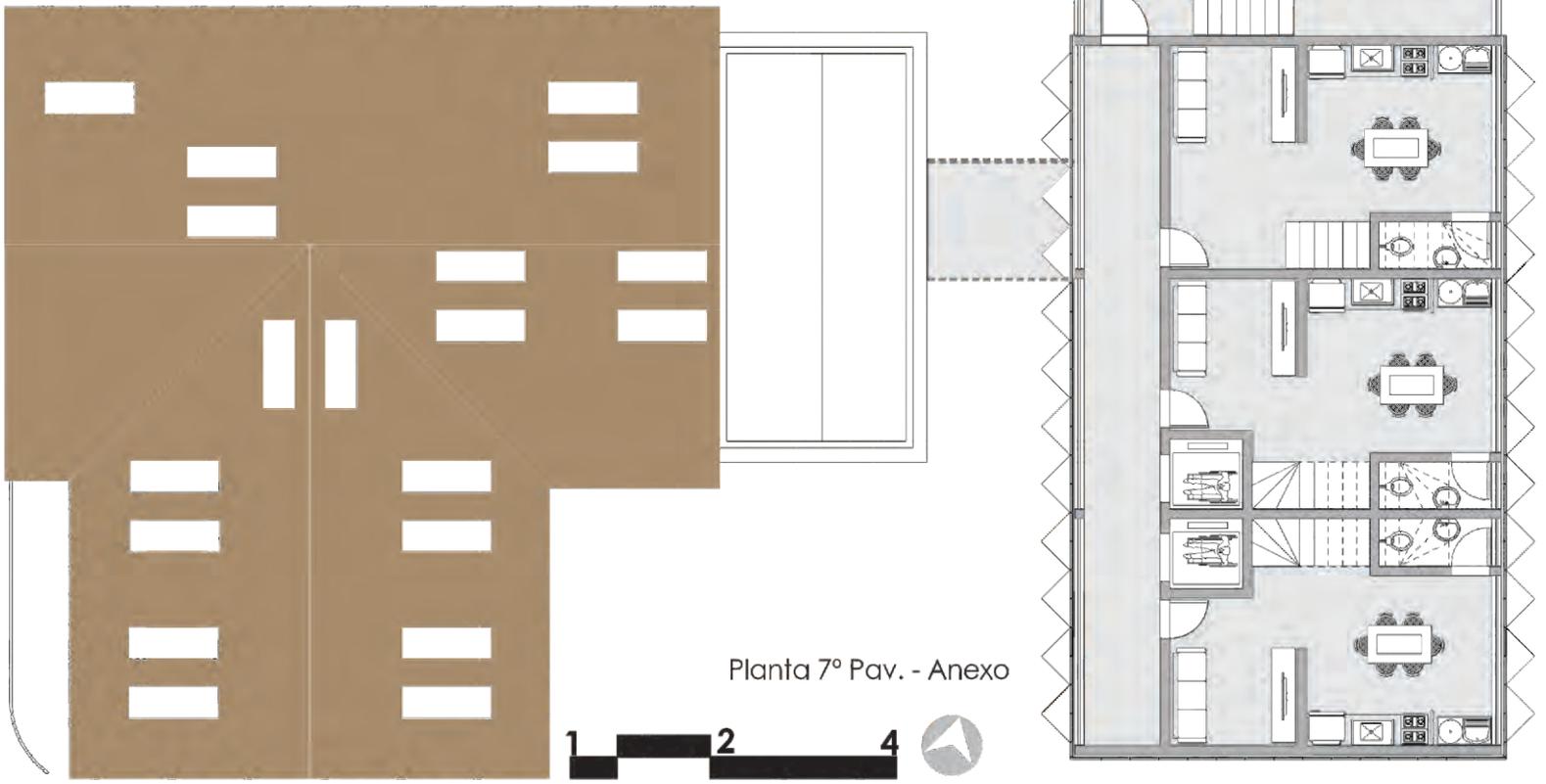
Planta Cobertura - Preexistência



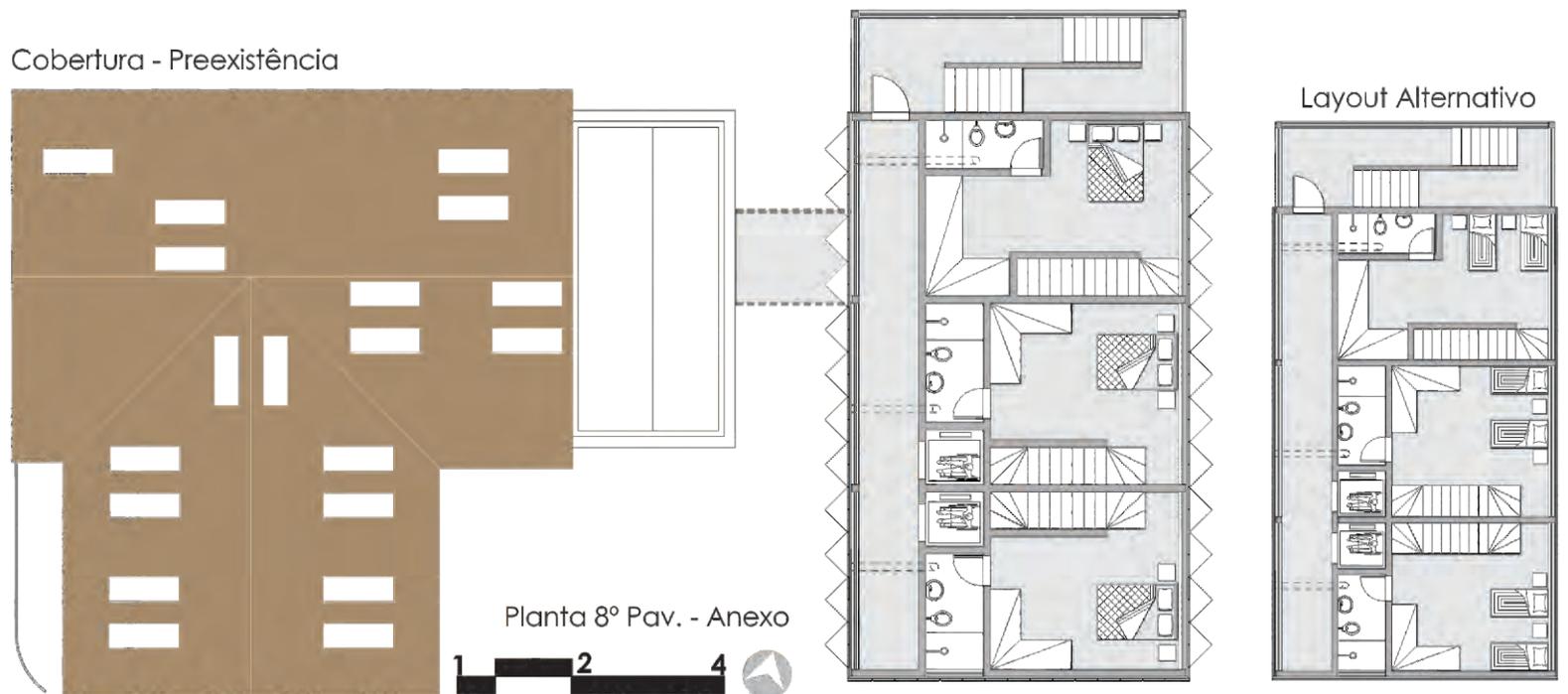
Planta 5º Pav. - Anexo



Cobertura - Preexistência

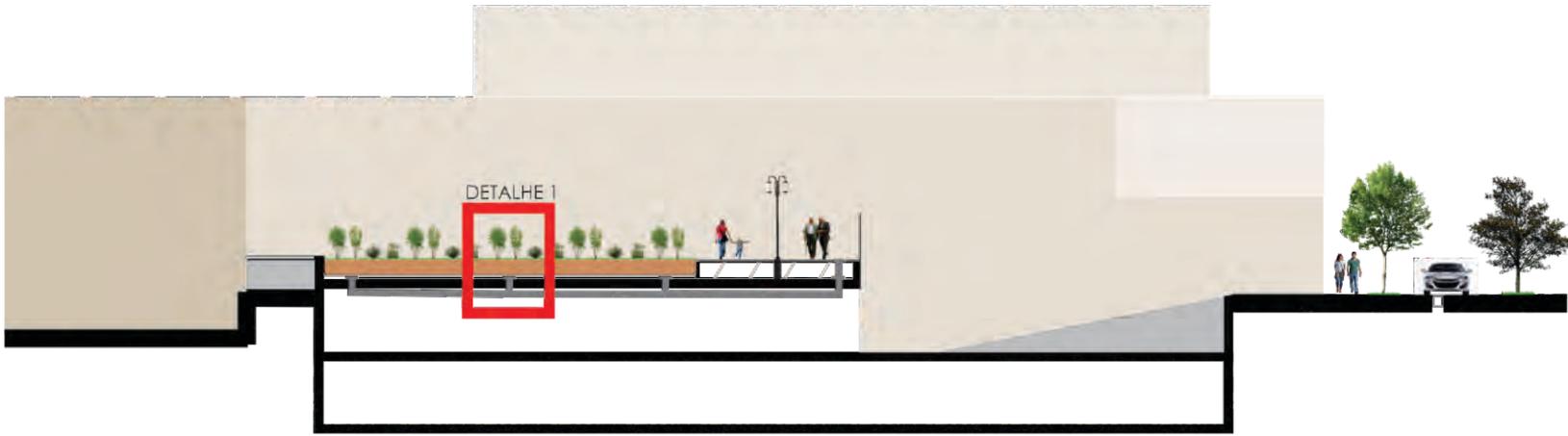


Cobertura - Preexistência



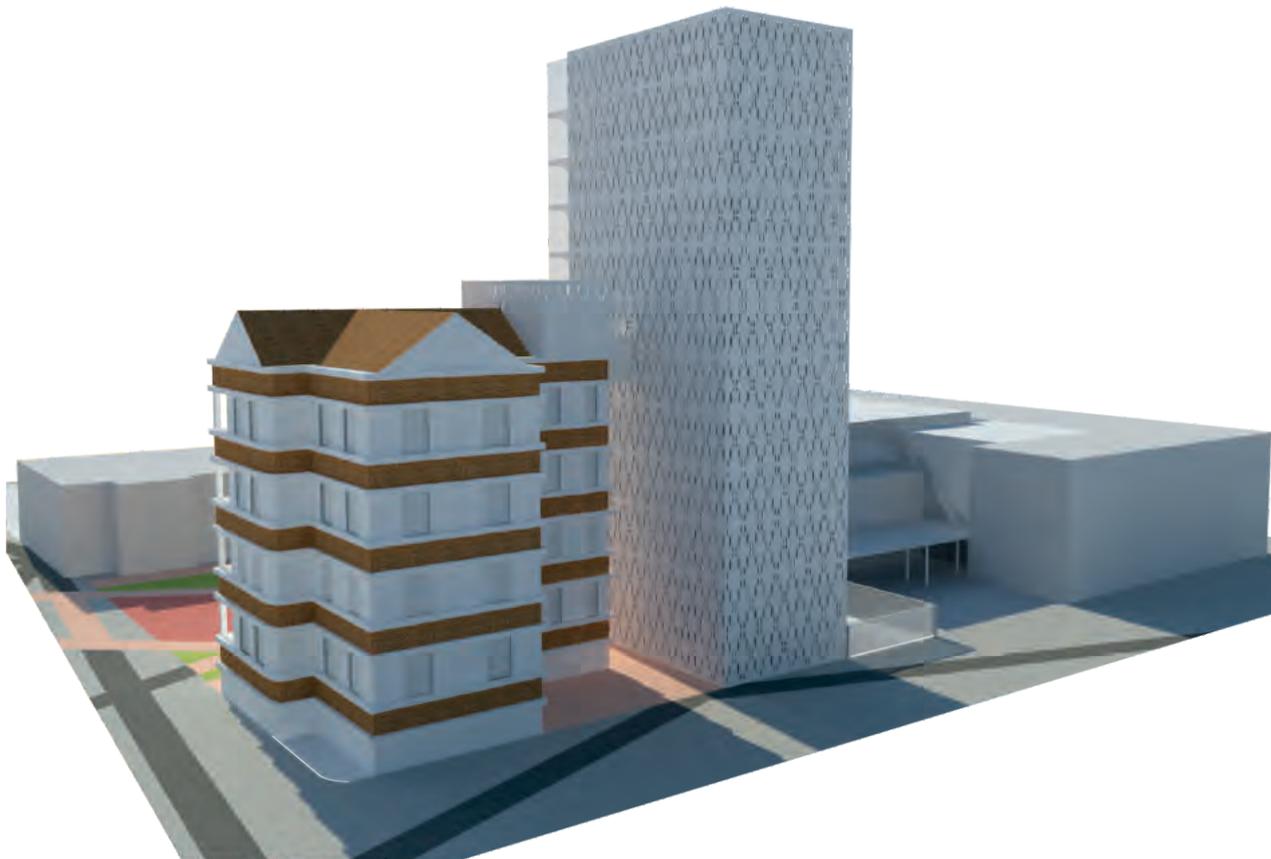


CORTE AA
 2 4 6 8 10

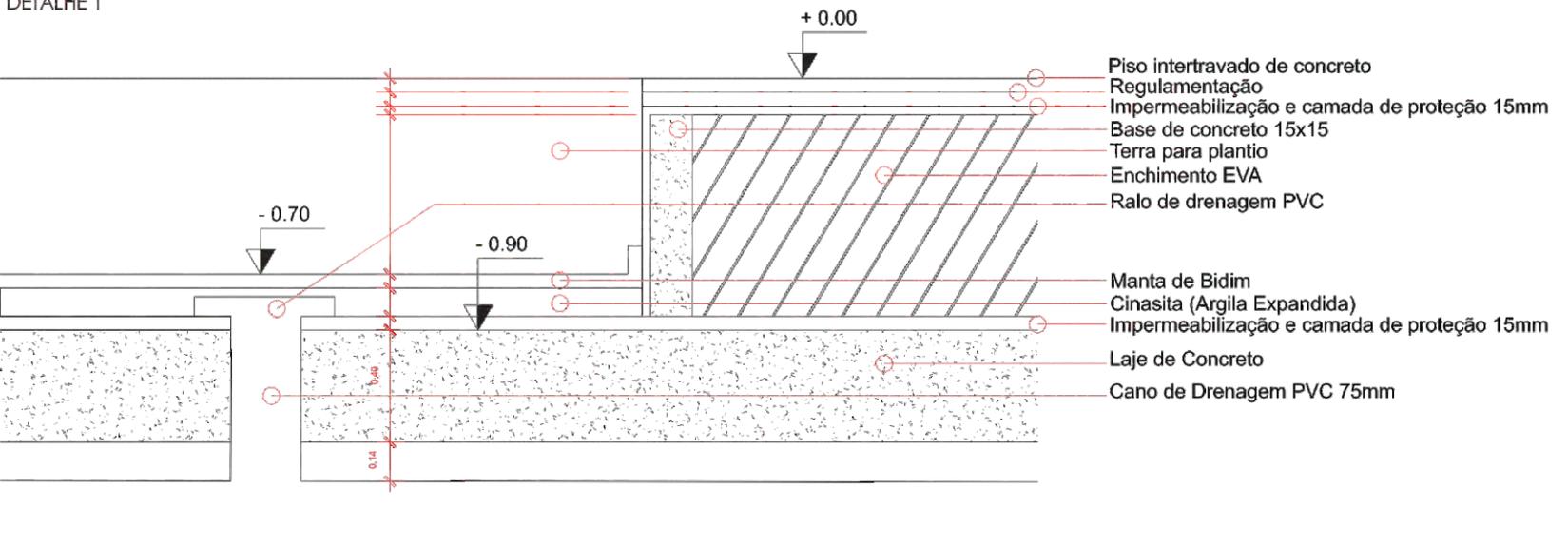


CORTE BB
 2 4 6 8 10

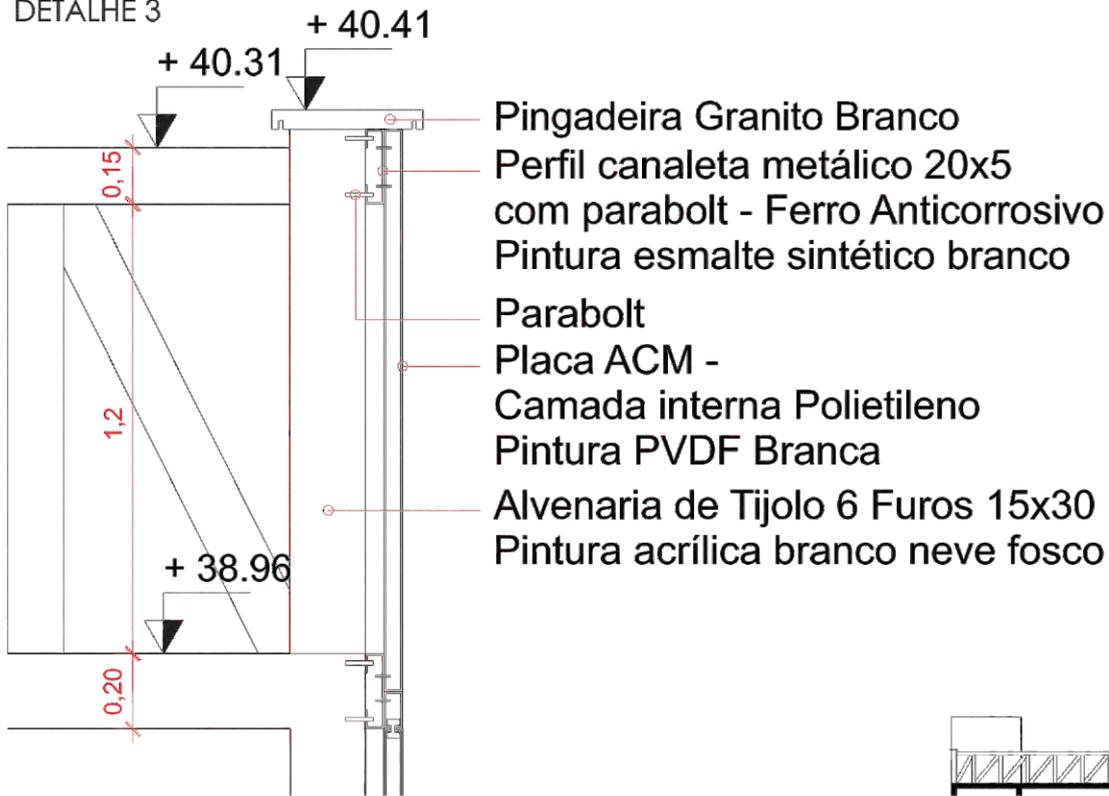




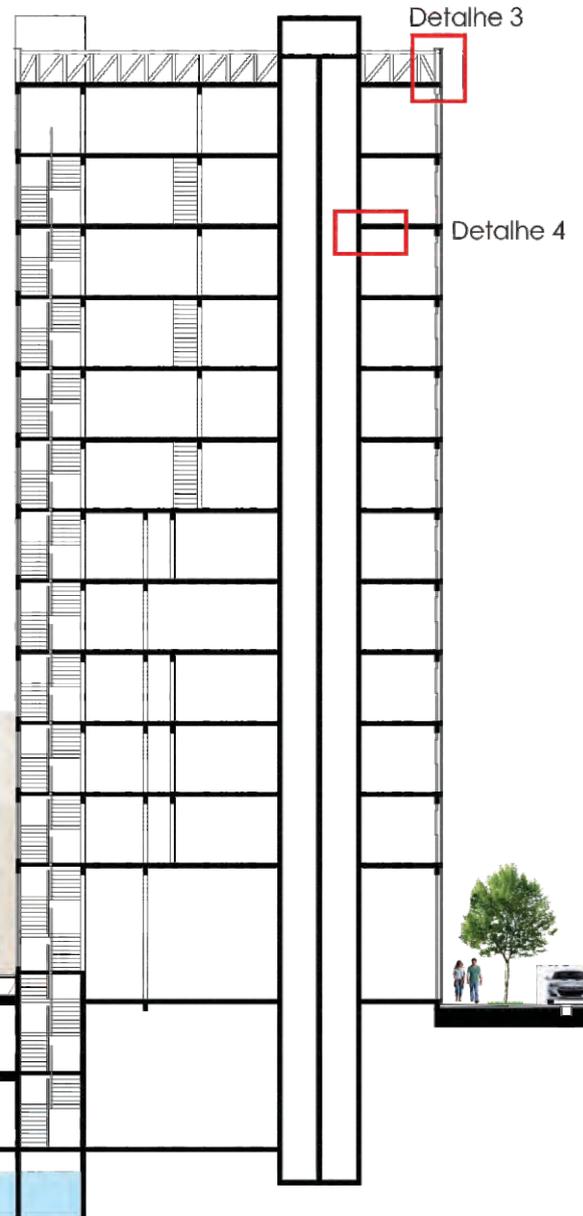
DETALHE 1



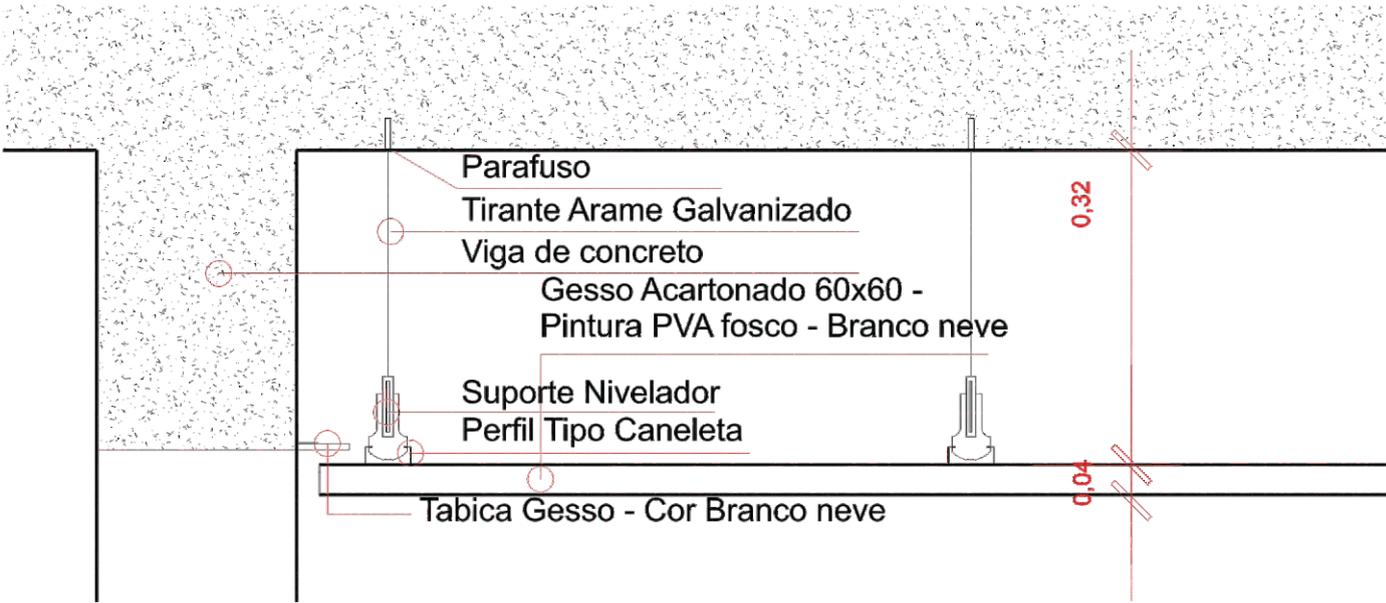
DETALHE 3



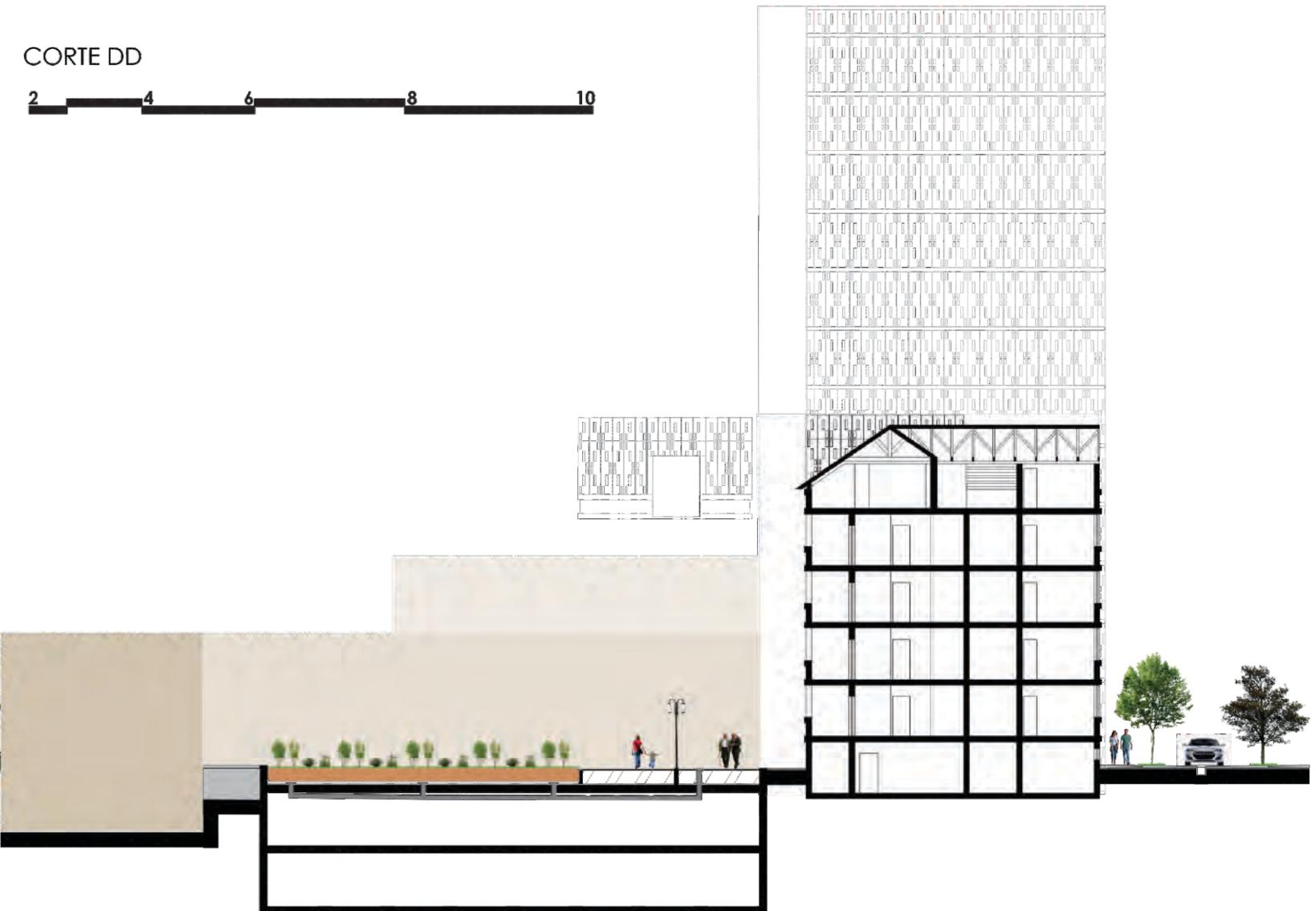
CORTE CC

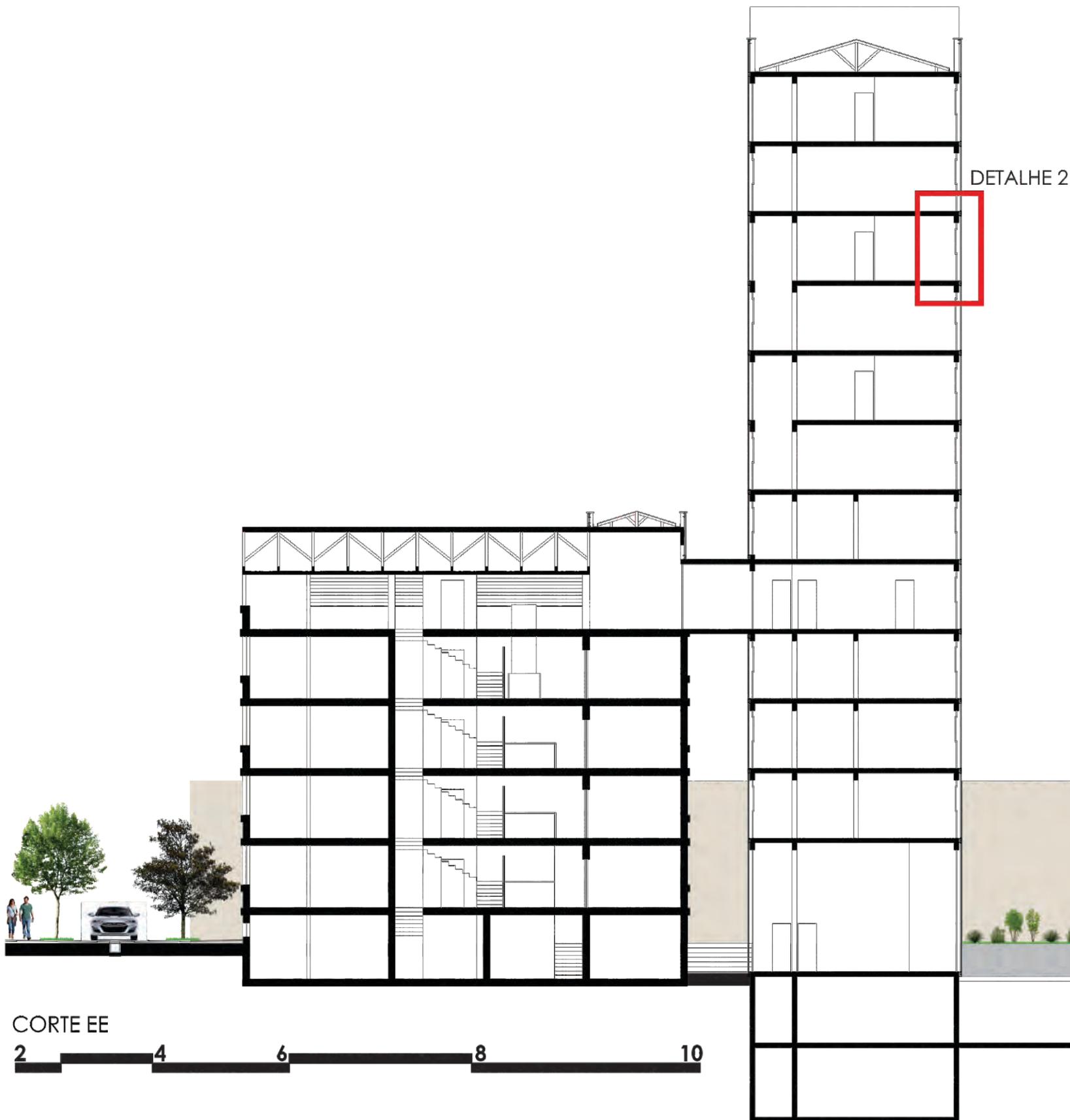


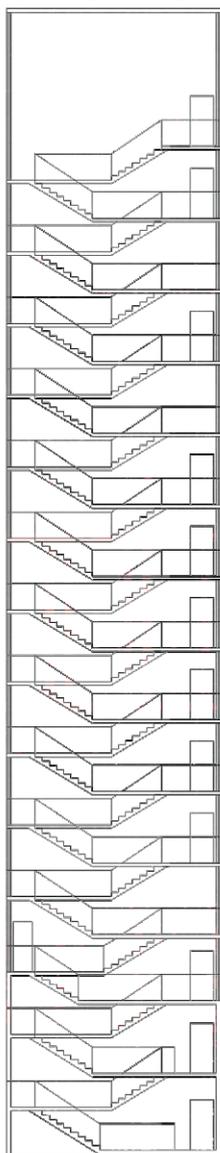
DETALHE 4



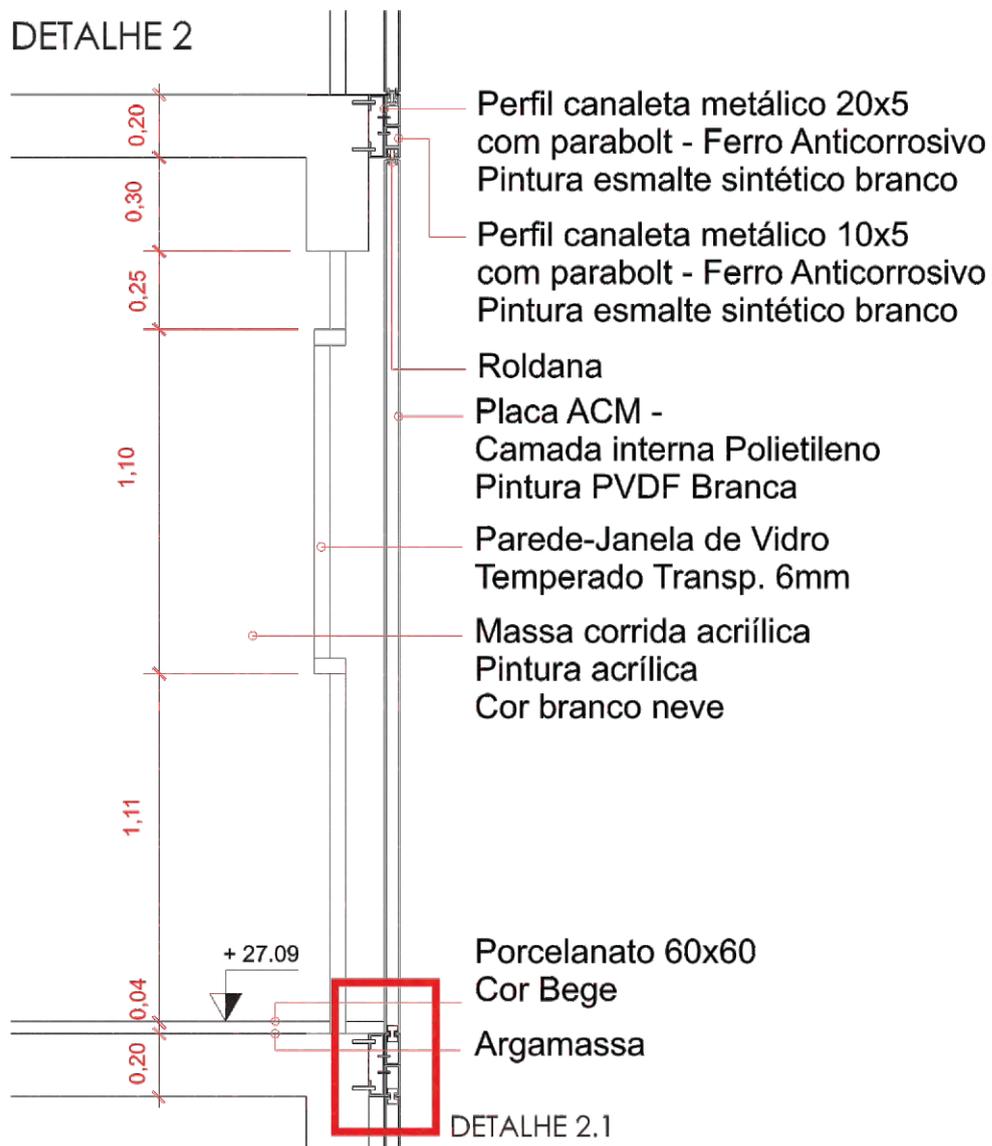
CORTE DD

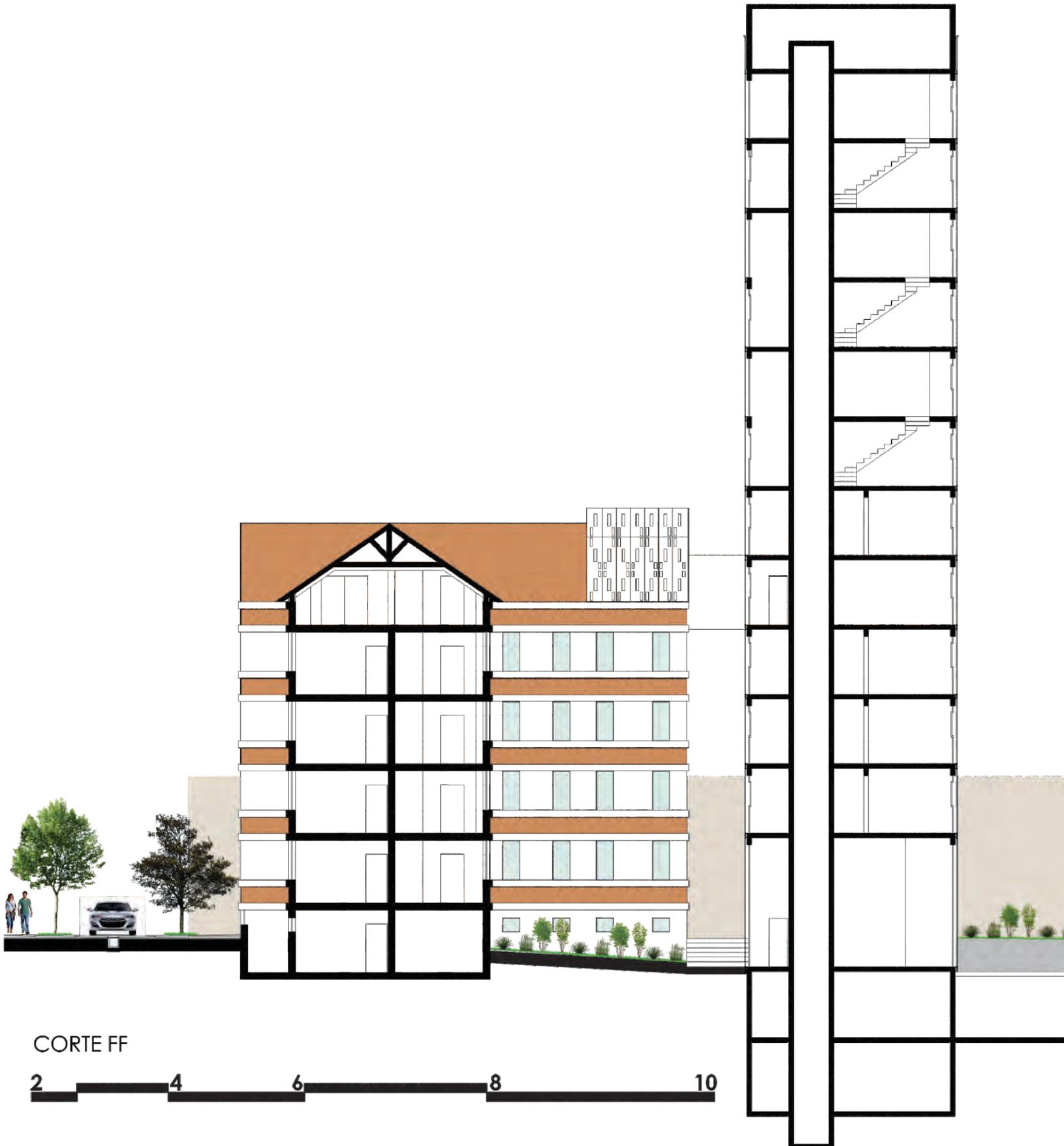






DETALHE 2





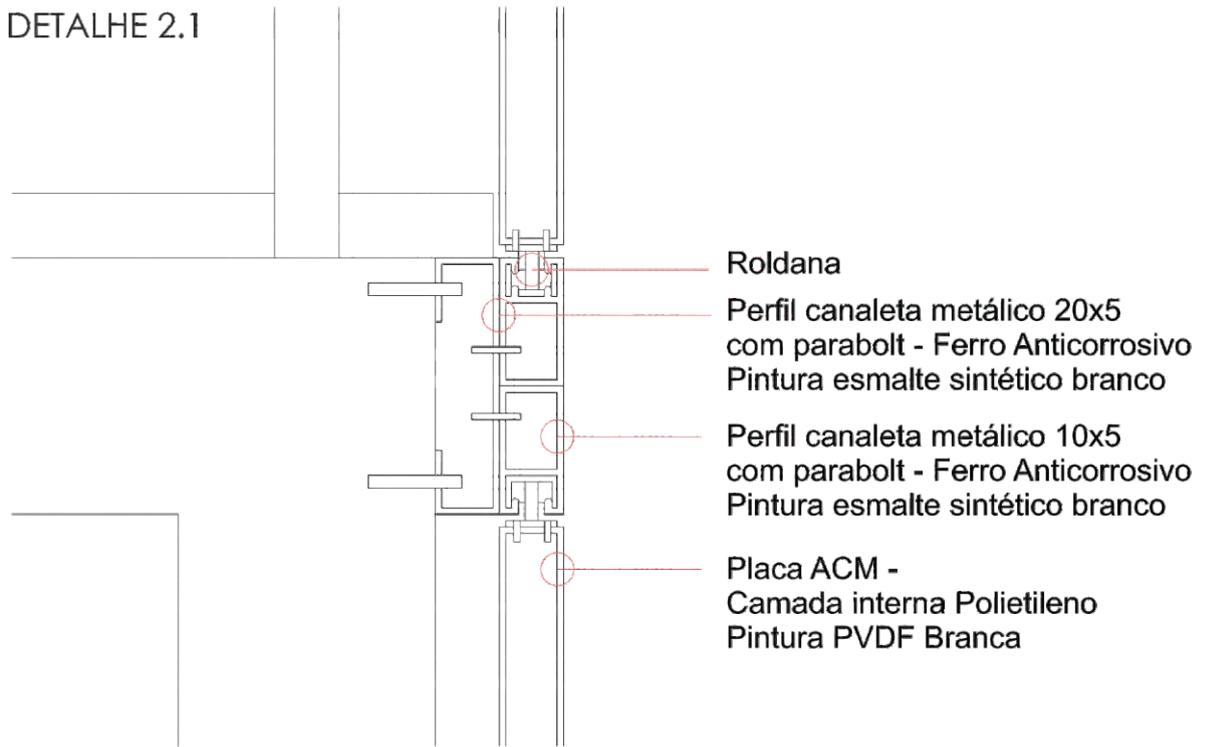
CORTE FF

2 4 6 8 10



VISTA ESCADA

DETALHE 2.1

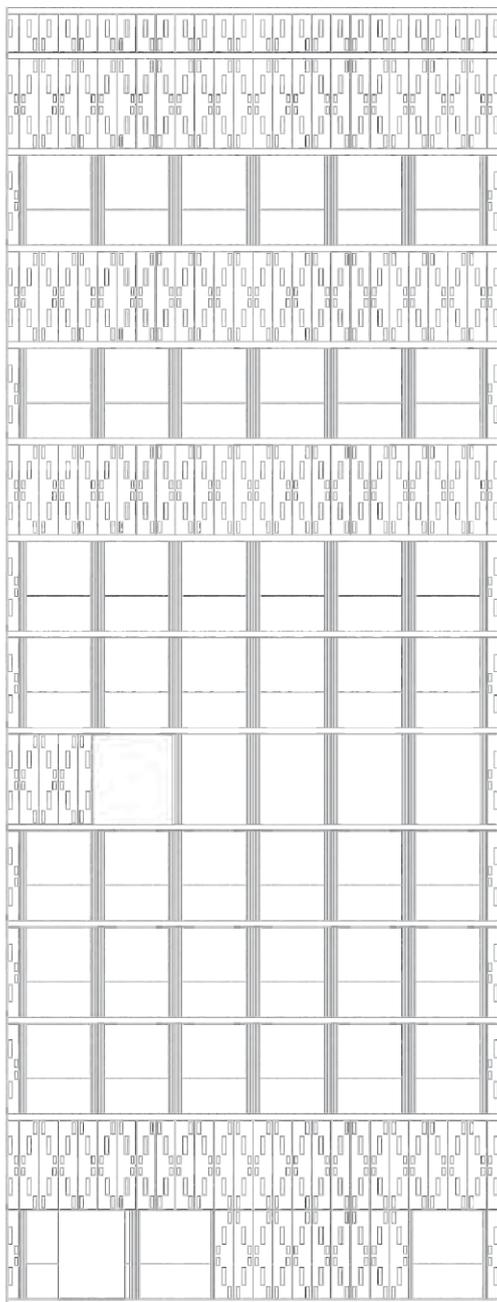




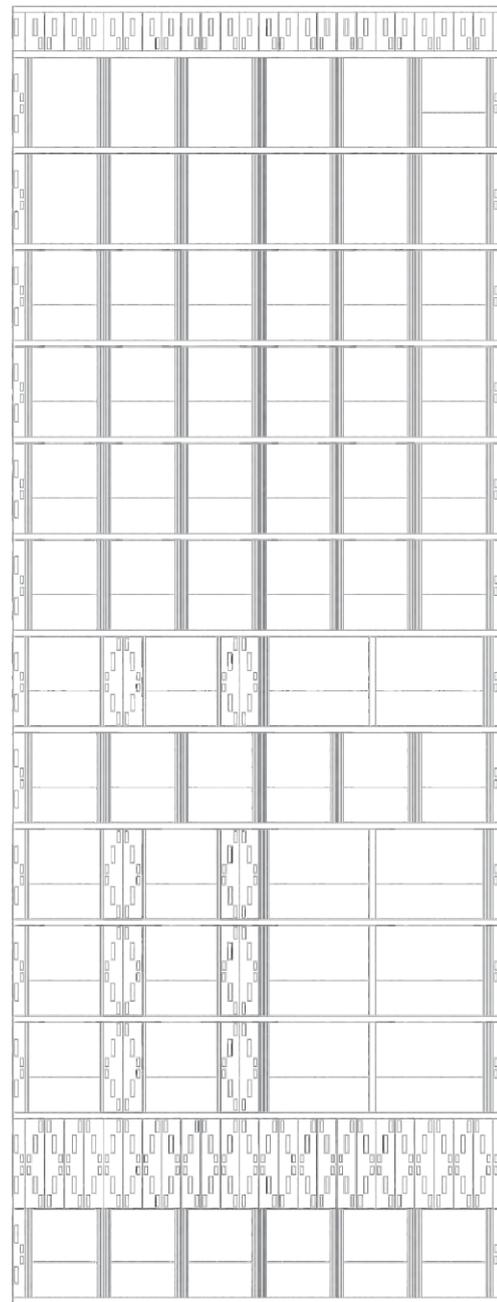




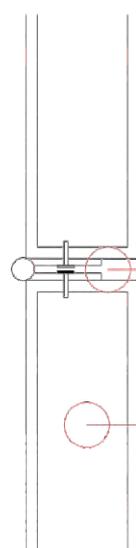
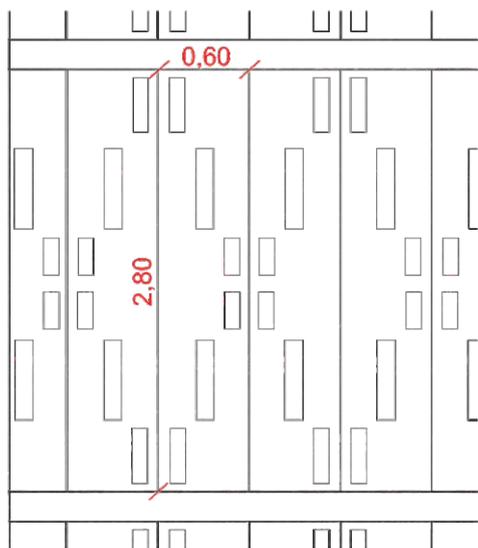




Aberturas
Pele Sanfonada
- Frontal



Aberturas
Pele Sanfonada
- Posterior



Dobradiça Metal
Cor Branca - 3 Furos
com Parabolt

Placa ACM -
Camada interna Polietileno
Pintura PVDF Branca

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- TOSCHI, Mirza S. **100 anos - Anápolis em pesquisa**. Anápolis: Editora Vieira, 2007.
- POLONIAL, Juscelino. **Anápolis nos Tempos de Ferrovia**. Anápolis: Editora Kelps, 2011.
- FERREIRA, Haydée J. **Anápolis, sua vida, seu povo**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1979.
- CHIAROTTI, Tiziano M. **Patrimônio Histórico e Cultural: do município de Anápolis**. Anápolis: Editora Kelps, 2011.
- WALL, E.; WATERMAN, T. Desenho urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012. 184 p. (Fundamentos de Paisagismo, v. 1).
- MASCARÓ, Lucia; MASCARÓ, Juan José. **Ambiência urbana**. 3ª edição, Porto Alegre, Masquatro, 2009.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.
- ALEX, Sun. **Projeto da praça. Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo, Senac São Paulo, 2008.
- VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard (Orgs.). **Intervenções em centros urbanos. Objetivos, estratégias e resultados**. 2ª edição, Barueri, Manole, 2009.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, Editora Unesp, Estação Liberdade, 2001.
- CAMPOS FILHO, Cândido M. **Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ANÁPOLIS, Museu Histórico. **Acervo Iconográfico, digitalizado**. Museu histórico "Alderico Borges deCarvalho". 2014.
- ARRUDA, Esther Mariano; PEREIRA, Maíra Teixeira. **Casas modernistas em Anápolis**. 2008.
- VARGAS C., L. **A Utilização de ornamentos do movimento Art Deco, em fachadas na cidade de Anápolis, GO**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA, TECNOLOGIA E PROJETO, Goiânia, **Forma Urbana - Rupturas e Continuidades**. Goiânia.
- SILVA, C., K. **Educação patrimonial: Um convite à leitura do patrimônio cultural do município de Anápolis-GO**. 2007. 110f. Projeto de Gestão (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.
- Caderno de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho", Ano 4 e 5, nº. 1 e 2. Anápolis, GO, 2013.
- MARTINS, Lyzandra Machado; MACHADO, Rodrigo. **Narrativas historiográficas da arquitetura e urbanismo em anápolis: representações, apropriações e popularizações do moderno**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 2., 2011, Jataí. **Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí – Realização Cursos de História, Letras, Direito e Psicologia – ISSN 2178-1281**. Jataí: Universidade Federal de Goiás, 2011.
- ABBUD, Benedito. **Criando paisagens. Guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo, Senac São Paulo, 2006.